

MESTRADO DE GERONTOLOGIA SOCIAL

Representações Sociais sobre os idosos aos olhos de avós e netos

Beatriz Abelho Saianda

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social

Orientadores: Professor Doutor António Calha e Professora Doutora Isabel Ferreira

Abril, 2022

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Representações Sociais sobre os idosos aos olhos de avós e netos

Dissertação de mestrado para obtenção do grau de Gerontologia Social, sob a orientação do Professor Doutor António Calha e pela Professora Doutora Isabel Ferreira

Beatriz Abelho Saianda

Portalegre

2022

Constituição do Júri

- **Presidente:** Professora Doutora Luísa Maria Serrano de Carvalho
- **Arguente:** Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira
- **Orientadores:** Professora Doutora Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira e Professor Doutor António Calha

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António Calha e à Professora Doutora Isabel Ferreira, meus orientadores, pela dedicação, apoios inesgotáveis, paciência, inteira disponibilidade, conselhos e sobretudo pela partilha de conhecimentos.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, por todos os ensinamentos transmitidos.

Aos meus pais, por serem o melhor exemplo de dedicação, disciplina, compreensão, por estarem sempre presentes e por tudo o que fazem por mim. À minha avó Joana por o amor incondicional, paciência e por acreditar em mim em todos os momentos. Aos meus avós paternos pelo apoio, por todos os conselhos e por todo o carinho.

À minha grande amiga Teresa Dias, por todo o apoio disponibilizado e por acreditar sempre nas minhas capacidades.

Às pessoas que amavelmente participaram neste estudo e se dispuseram a partilhar as suas experiências e vivências.

A todos cujo percurso académico se cruzou com o meu,

O meu sincero agradecimento.

Resumo

A população idosa tem aumentado em todo o mundo, resultado dos constantes avanços da medicina, bem como, da preocupação em manter um estilo de vida ativo e com práticas saudáveis. Consequentemente, a esperança média de vida, tem sofrido, nas últimas décadas, um destacado aumento. Contudo, nem sempre esse aumento da população idosa é acompanhado de perspetivas positivas sobre a velhice e o envelhecimento.

Ao longo do tempo tem-se assistido à presença de preconceitos associados ao envelhecimento, sob a designação de idadismo.

Neste estudo optou-se por abordar esta temática através de um estudo de natureza qualitativa, de modo a que sejam observáveis as representações sociais da velhice, tanto por parte das crianças, através dos desenhos, como dos idosos (avós) através de entrevistas semiestruturadas.

As técnicas de recolha de dados utilizadas neste estudo foi o desenho infantil em relação às crianças e a entrevista semiestruturada relativamente à amostra correspondente aos idosos, avós das crianças pertencentes à investigação.

Após a análise dos resultados, foi possível constatar, através dos desenhos, das crianças a presença de alguns sinais de possíveis atitudes idadistas em relação à população sénior. Relativamente às entrevistas que foram feitas aos avós destas mesmas crianças, os entrevistados não assumiram qualquer tipo de discriminação por parte dos netos em relação a pessoas de idade avançada. A consequência desta comparação poderá estar diretamente ligada com a relação de proximidade que estes avós possuem com os netos.

Palavras-chave: idadismo; relações sociais; relações intergeracionais; crianças; idosos; desenhos infantis

Abstract

The elderly population has increased all over the world, resulting from the continuous advances in medicine, as well as the concern in keeping an active and healthy lifestyle. Consequently, the extend of the life expectancy has also increased. However, that increase is not always accompanied by positive perspectives about oldness and ageing.

Over the time we have been assisting the presence of prejudice associated with ageing, known as ageism.

Therefore, a qualitative study was adopted so the social representations of the elderly can be observed, both children through drawings, and elderly (grandparents) through semi-structured interviews.

After analyzing the results, it was possible to check through children drawings the presence of some possible signs of ageing attitudes respecting the elder population. Regarding the grandparents interviews, they did not assume any type of discrimination by their grandchildren as far as elder people are concerned.

The consequence of this comparison can be directly linked with the proximate relationship between this grandparents and their grandchildren.

Key words: ageism; social relationships; intergenerational relationships; children; elder; child drawings

Índice

• Introdução	Pág. 10
• Capítulo 1: Enquadramento Teórico	Pág. 11
1.1. Conceito de Envelhecimento Ativo.....	Pág. 11
1.2. Conceito de Representações Sociais.....	Pág. 13
1.3. Conceito de Idadismo.....	Pág. 16
1.4. Conceito de Relações Intergeracionais.....	Pág. 21
1.5. Abordagem do Desenho Infantil.....	Pág. 22
• Capítulo 2: Problemática	Pág. 26
2.1. Questão de Partida.....	Pág. 26
2.2. Objetivos de Investigação.....	Pág. 26
• Capítulo 3: Opções Metodológicas	Pág. 27
3.1. Contexto de Pesquisa.....	Pág. 28
3.2. Amostra.....	Pág. 28
3.3. Técnicas de Análise de Dados.....	Pág. 28
3.4. Técnica de Recolha de Dados.....	Pág. 31
• Capítulo 4: Apresentação dos resultados	Pág. 32
4.1. Apresentação dos resultados alusivos aos desenhos representativos dos avós da pessoa idosa.....	Pág. 33
4.2. Apresentação dos resultados alusivos aos desenhos representativos dos avós.....	Pág. 36
4.3. Comparação dos resultados entre os desenhos da figura da pessoa idosa e dos desenhos representativos dos avós das crianças.....	Pág. 39
4.4. Apresentação dos resultados das entrevistas aos avós das crianças da Misericórdia.....	Pág. 40
4.4.1. Análise das entrevistas.....	Pág. 40
4.4.2. Conclusão dos resultados das entrevistas.....	Pág. 44
• Conclusão	Pág. 47
• Bibliografia	Pág. 50
• Anexos	Pág. 52
Anexo A – Consentimentos Informados.....	Pág. 53
Anexo B - Entrevistas aos avós das crianças.....	Pág. 55
Anexo C - Ilustrações dos desenhos alusivos à pessoa idosa.....	Pág. 63
Anexo D – Ilustrações dos desenhos alusivos aos avós.....	Pág. 78

Índice de Tabelas

- Tabela 1.....Pág. 28
- Tabela 2.....Pág. 33
- Tabela 3.....Pág. 36

Índice de Figuras

- Figura 1.....Pág. 36
- Figura 2.....Pág. 38

Introdução

A presente dissertação insere-se na área de Gerontologia Social, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre, do Instituto Politécnico de Portalegre.

O trabalho de investigação centrou-se na problemática das representações sociais que tanto as crianças como os idosos têm sobre a velhice, procurando identificar diferenças e semelhanças intergeracionais. Posto isto, o projeto foi baseado numa metodologia qualitativa, de carácter exploratório e descritivo. A pesquisa decorreu no ensino pré-escolar de uma Santa Casa da Misericórdia envolvendo um conjunto de crianças, às quais lhes foi solicitado, como técnicas de recolha de dados, a elaboração de dois desenhos, um alusivo à pessoa idosa e outro representativo dos seus avós. Posteriormente, foram alvo de investigação alguns avós destas crianças através de entrevistas.

Assim sendo, procurou-se identificar nos discursos dos idosos e nos desenhos realizados pelas crianças se existia a presença de elementos que evoquem idadismo, sendo que um dos objetivos deste projeto é o de analisar se a natureza da relação que a criança tem com os avós tem impacto na imagem que cria de idoso. Por outro lado, procurou-se também, perceber se pelo facto de os idosos possuírem responsabilidades no cuidado dos netos, esta situação os faz assumir uma imagem diferente da imagem estereotipada de idoso.

O presente projeto é constituído por diferentes partes, entre as quais, o Enquadramento Teórico, em que são abordados os conceitos de Envelhecimento Ativo, de Idadismo, bem como, o conceito de Relações Intergeracionais, de Representações Sociais e a Abordagem ao Desenho Infantil. No capítulo 2, aborda-se a Problemática, que é constituída pela Questão de Partida e pelos Objetivos de Investigação. De seguida, as Opções Metodológicas, que se prendem com o Contexto de Pesquisa, a População/ Amostra, bem como, a Técnica de Recolha de Dados. Segue-se a Apresentação dos resultados. Dos resultados fazem parte dois desenhos, um representativo dos avós das crianças e outro alusivo à pessoa idosa no geral. Posteriormente existe uma comparação entre estes dois desenhos. Ainda enquadrado na apresentação dos resultados, analisam-se as entrevistas semiestruturadas realizadas aos avós das crianças em estudo. Por último, no capítulo 5, abordam-se as conclusões.

Capítulo 1: Enquadramento Teórico

A revisão da literatura tem como objetivo a análise crítica das principais publicações, que vão de encontro, ao tema em estudo, demonstrando, por sua vez, os avanços e os recuos inerentes ao mesmo (Sousa & Baptista, 2011; Manual de Publicação da APA, 2012). Este capítulo visa apresentar variadas abordagens, para entender o problema em estudo, a partir da revisão da literatura.

1.1. Conceito de Envelhecimento Ativo

A Organização Mundial de Saúde tem vindo a propor uma nova conceção de envelhecimento ativo mais abrangente que integre numa perspetiva multidimensional, os vários domínios da vida pessoal e social e que, por sua vez, contrarie a tendência para uma visão redutora, direcionada unicamente para a vertente da empregabilidade (Velo, 2015)

Nesta perspetiva, o envelhecimento ativo refere-se ao processo de “otimização das possibilidades de saúde, de participação e de segurança, a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice” (OMS, 2002:12). Este aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais, permitindo que as pessoas compreendam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, participem ativamente na sociedade de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades e, ao mesmo tempo, tenham acesso a proteção, segurança e cuidados adequados.

Segundo Velo (2015), nesta definição o conceito "ativo" refere-se à participação e envolvimento contínuo na vida social, económica, cultural, espiritual e assuntos cívicos, e não apenas à capacidade de ser fisicamente ativo ou de participar no trabalho com vigor. A ênfase desta análise contraria as perspetivas que apenas abrangem o mercado laboral, sendo o processo de ativação definido como a promoção da participação nos diversos domínios da vida pessoal e social. Assim, as pessoas mais velhas que se aposentam e aquelas que estão doentes ou vivem com deficiências têm lugar como contribuintes ativos, permanecendo para a sua família, pares e comunidade.

A nível individual, o envelhecimento ativo objetiva dotar as pessoas de uma tomada de consciência acerca do poder e controlo que têm na sua vida, através de mecanismos adaptativos, de aceitação e de autonomia (Ribeiro e Paúl, 2011). Os conceitos chave deste novo paradigma são: a autonomia relacionada com a capacidade de tomar decisões e gerir a sua vida; a independência relacionada com a capacidade

de desempenho no autocuidado e atividades de vida diária (Sequeira, 2010); a expectativa de vida saudável considerada como o tempo de vida que se espera viver sem necessitar de cuidados especiais (Ribeiro e Paúl, 2011); e a qualidade de vida, que é um conceito amplo e complexo que incorpora a saúde física, estado psicológico, nível de independência, relacionamentos sociais, crenças pessoais e características do meio em que se encontram inseridas (OMS, 2002).

De acordo com Veloso (2015), a expectativa de vida saudável com autonomia, independência e com qualidade de vida para todas as pessoas incluindo as que necessitam de cuidados, são objetivos essenciais deste amplo conceito. Neste sentido, a abordagem da OMS pressupõe uma rutura com o pressuposto de que o envelhecimento está associado à aposentação, doença e dependência, ou seja, a apenas aspetos económicos e biomédicos, tendo em consideração o envelhecimento ao longo da vida.

A longevidade no conceito de envelhecimento ativo deve ser interpretada à luz de duas perspetivas: a de curso de vida e a da transição para a inatividade (Cabral *et al.*, 2013). A perspetiva de curso de vida analisa o envelhecimento como um processo influenciado pelas diferentes trajetórias de vida, e a perspetiva de transição para a inatividade preconiza uma flexibilização desta passagem, através da criação de condições e motivações para o prolongamento da vida ativa, desde que o estado de saúde o permita (Cabral *et al.*, 2013).

Nesta perspetiva, o conceito de envelhecimento ativo remete para duas direções chave: o aumento da expectativa de vida saudável e o prolongamento da vida ativa, devendo o envelhecimento ser considerado numa perspetiva de ciclo vital, em que envelhecer não se inicia numa idade específica, como a idade da reforma, mas que se estende ao longo de toda a vida e em que a história individual se constrói progressivamente. Assim, a qualidade de vida que “desfrutarão, avós depende dos riscos e oportunidades que experimentaram ao longo da vida [...]” (OMS, 2002, p.12).

A OMS (2002) preconiza assim que existem diversos determinantes que influenciam o envelhecimento ativo, nomeadamente a cultura e género; determinantes sociais e económicos; determinantes do ambiente físico e do acesso à saúde e aos serviços sociais e determinantes comportamentais e individuais. Estes encontram-se interligados em diversos aspetos, sendo a sua interação de extrema relevância. Os determinantes influenciam diretamente ou indiretamente o bem-estar, a prevalência de doenças, o seu início e progressão, bem como o modo como os indivíduos lidam com as mesmas e com a incapacidade (OMS, 2007).

1.2. Conceito de Representações Sociais

Representações sociais designam tanto um produto como um processo (Valsiner, 2003). Existem várias definições para o conceito de representações sociais, segundo o caso do processo ou produto, e pluralidade de perspectivas de estudo. Segundo Jodelet (2001), a representação social, "... é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (p. 22). Para Wagner (1998), representação social é simultaneamente um "... conteúdo mental estruturado - isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico - sobre um fenómeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social" e "... um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado"(p. 3-4). Já a perspectiva de Doise (1985), concebe as representações sociais como "... princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações" (p. 246).

De outro modo, para terminar com a diversidade concetual e situar alguns aspetos comuns acerca das definições de processos e produtos envolvidos na noção de representações sociais, pode-se dizer que o processo de representar resulta em teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente (Wagner, 1998), ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais (Doise, 1985), que têm por funções explicar aspetos relevantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas de posição depois que elas são realizadas (Abric, 1998).

A crónica das representações sociais introduz-se na relação existente entre atores sociais, bem como o fenómeno e o contexto que os envolve. Desta maneira, estas representações possuem influência na vida cotidiana, como nos comportamentos empregues por um grupo de pessoas acerca de um objeto, que são consequentes da maneira como os atores sociais representam socialmente esse mesmo objeto e, por sua vez, do significado que estes adquirem nas suas vidas (Araújo, L.F.; Coutinho M.P.L.; Santos, M.F.S. 2006).

O que é proposto pela teoria das representações sociais é um estudo científico do senso comum. Posto isto, o senso comum, acaba por ser um objeto de estudo da psicologia social porque, de acordo com a teoria das representações sociais, esta modalidade de conhecimento varia conforme inserções específicas num contexto de relações sociais (Doise, 1985), isto é, esta forma de conhecimento está ligada à

realidade dos grupos e categorias sociais, capacitando os seus membros com uma visão de mundo e contribuindo para sua identidade social (Abric, 1998; Jodelet, 2001).

De acordo com Doise (1990), o uso da teoria das representações sociais torna-se muito útil, uma vez que se “lida com um marco conceitual que envolve tanto o nível intrapessoal de análise quanto o interpessoal e o intergrupar”. Assim sendo, é provável que se possa partir das representações de objetos sociais para uma prova dos conhecimentos na área grupal, que possibilitam ao investigador a captação dos aspetos partilhados de uma representação.

A teoria das representações sociais constitui-se tendo como pano de fundo a ideia de que o indivíduo extrai categorias de pensamento da sociedade. O conhecimento do senso comum não é uma versão primitiva e falha do conhecimento científico (Moscovici, 2003): essas formas de conhecimento possuem lógicas que operam com regras distintas (Grize, 2001; Rateau, 1995).

Assim sendo, a representação social é observada como um procedimento público de criação, disseminação e modificação do conhecimento partilhado na manifestação cotidiana dos grupos sociais (Doise, 1990; Jodelet, 1989, 2001; Moscovici, 2001, 2003).

Todas as representações resultam da necessidade de transformar aquilo que é estranho, ou que não é compreendido, em algo familiar. Esta acaba por ser uma das principais funções da representação: “domar o desconhecido”. De um modo geral, os grupos criam representações também como uma forma de selecionar a informação que deriva do ambiente. Constitui-se um tipo de manipulação do sistema do pensamento e da “estrutura da realidade psicossocial” (Moscovici, 1961).

Posto isto, é importante apontar que, de modo mais preciso, a teoria das representações sociais é um desenvolvimento da corrente sociopsicológica denominada pensamento social. Trata-se de uma abordagem dedicada à investigação dos processos cognitivos e construtos relacionados ao modo como as pessoas pensam no cotidiano (Guimelli, 1999; Flament & Rouquette, 2003). Desse modo, a representação social é apenas uma dentre outras variedades de construtos do senso comum, juntamente com ideologias, atitudes, nexos, imagens sociais, dentre outros. No entanto, considera-se que o campo de estudo do pensamento social estruturou-se de modo mais decisivo, pelo menos no que diz respeito a sua participação na psicologia social francesa, a partir das pesquisas iniciais de Moscovici (1961) e da proposição da teoria das representações sociais.

Em certo sentido a teoria das representações sociais confunde-se com o próprio corpo teórico do pensamento social. Além disso, a maior parte das pesquisas conduzidas no campo do pensamento social volta-se para questões relativas às representações sociais. Cabe, de qualquer maneira, esclarecer que a teoria das representações sociais visa explicar uma forma específica do pensamento social, ainda que muitas das estruturas de conhecimento do grupo recriam o objeto com base em representações já existentes, substituindo-o (Moscovici, 1961). Trata-se de uma perspectiva segundo a qual as representações não são meros elementos mediadores entre características ambientais e ações comportamentais, mas sim a realidade que se apresenta aos atores sociais determinando tanto a natureza das características do ambiente quanto às ações a serem efetuadas (Moscovici, 2003). Busca-se deixar claro que por representação não se entende reprodução, na teoria das representações sociais. Mesmo assim, Ibañez (1992) questiona a adequação do termo, que inevitavelmente carrega uma conotação ligada a noções de imagem e cópia, o que acaba implicando uma tendência a uma objetivação de representações, segundo a qual se poderia "olhá-las", estando elas "localizadas" na realidade social. O autor aponta que se a teoria tivesse o nome de teoria das produções simbólicas coletivas, isso provavelmente não ocorreria.

Segundo Wachelke & Camargo (2007), falar em teorias do senso comum pode implicar também uma aproximação excessiva com as características de teorias científicas, levando a identificar similaridades com as representações sociais, quando na verdade os produtos dessas duas formas de conhecimento - ciência e senso comum - estruturam-se e operam de modo distinto. Laszlo (1997) sugere que se fale em narrativas, construções criadas e compartilhadas socialmente para construir e organizar experiências sociais de modo a tornar o mundo inteligível, dando referências a memórias individuais. Carugati, Selleri e Scappini (1994) abordam as representações sociais como arquiteturas de cognições. Moscovici (1988) também se refere a uma representação social enquanto uma rede de conceitos e imagens que interagem entre si, cujos conteúdos evoluem continuamente.

De acordo com Wachelke & Camargo (2007), o processo de representação social permite às pessoas interpretar e conceber aspectos da realidade para agir em relação a eles, uma vez que a representação toma o lugar do objeto social a que se refere e transforma-se em realidade para os atores sociais. As representações sociais tanto são normativas, inserindo objetos em modelos sociais, quanto são prescritivas (Moscovici, 2003), servindo de guia para ações e relações sociais (Abric, 1998). A finalidade das representações sociais é classificar os eventos da vida social segundo

uma grade de interpretação grupal, permitindo ações relativas a esses acontecimentos. Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma forma de conhecimento que visa a transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade. Valsiner (2003) afirma que o processo da representação social diz respeito à construção de signos para lidar com um futuro imediato desconhecido, delimitando sua incerteza; nesse sentido, as representações sociais transformam o futuro em passado.

Assim, as representações sociais, enquanto forma de conhecimento, possuem uma finalidade até certo ponto oposta à do conhecimento científico. A ciência traça o caminho inverso, buscando estranhar fenômenos que à primeira vista são familiares ou inteligíveis, para chegar a conhecimentos válidos sobre a realidade (Moscovici, 2003). As representações sociais possuem uma lógica específica que se aproxima do pensamento ingênuo: aspetos racionais e irracionais são integrados, dando-se prioridade às conclusões e soluções que às premissas (Abric, 1996; Moscovici, 2003). Menciona-se o pensamento ingênuo porque é uma forma de conhecimento que não se debruça sobre si mesma, sendo "absorvida" por seus conteúdos, voltando-se para resultados práticos (Rouquette, 2005).

1.3. Conceito de Idadismo

Uma das questões que condiciona a abordagem positiva do envelhecimento prende-se com o preconceito enraizado na nossa cultura, comumente designado de idadismo.

O termo idadismo refere-se a atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos, fundamentadas apenas numa única característica, a idade. Este tipo de preconceito atinge sobretudo as pessoas mais velhas, e incorpora um conjunto de traços negativos como o facto de possuírem doenças crónicas e incapacidades. A discriminação contra as pessoas mais velhas não é apenas manifestada por adjetivos negativos, mas também, quando os indivíduos assumem atitudes de paternalismo e de piedade perante esta população.

De acordo com Marques (2011 p.19), "é importante compreender que o idadismo não pode ser definido apenas de modo individual, mas sobretudo ao nível institucional e cultural. O idadismo não é apenas uma atitude negativa, individualizada em relação às pessoas idosas, mas espelha os nossos valores culturais mais profundos e as práticas institucionais da nossa sociedade". Existem vários sinais de discriminação

contra as pessoas idosas na nossa sociedade, que podem assumir variadas formas, para além dos maus tratos e dos abusos, os comportamentos de ajuda excessiva, bem como a sobreproteção dos indivíduos com mais idade, ainda que sejam bem-intencionados podem prejudicar estas pessoas, pois promovem a dependência e por sua vez a incapacidade (Marques, 2011).

Os estereótipos etários que as sociedades incorporam são, muitas vezes, interiorizados durante a infância, sendo carregados para as relações entre as pessoas (Levy, 2014). A pouca atenção dedicada ao envelhecimento nos programas escolares, poderá ser uma das causas destes estereótipos (Levy, 2016). São vários os estudos que indiciam que a educação sobre o envelhecimento é eficaz na redução do idadismo (Boswell, 2012; McCleary, 2014; Ragan & Bowen, 2001). Desta forma, intervenções direcionadas a aumentar o conhecimento sobre o envelhecimento para além de resultarem em melhores atitudes/comportamentos perante os idosos, também contribui para um envelhecimento com conhecimento (Chonody, 2015). A falta de informação e os estereótipos generalizados sobre o envelhecimento, por vezes, podem ser perpetuados por insuficiência intergeracional (Allport, 1954; Brown & Hewstone, 2005; Pettigrew & Tropp, 2006). Posto isto, há que incentivar os jovens a estabelecerem um maior contacto com pessoas de idades mais avançadas, promovendo encontros intergeracionais, para que desta maneira se reduza os constantes preconceitos e estereótipos associados a esta população.

O perfil da velhice e da pessoa idosa, bem como o aumento do número desta população específica, é atualmente contribuidor do aumento da esperança média de vida, assim como também dos avanços na medicina. Posto isto, o modo como se encaram os idosos não pode ser limitado por atitudes generalizadas e baseadas em preconceitos e banalizações à velhice (Almeida, 2003). Assim, é fundamental conhecer o conceito de idadismo, pois é necessário dar resposta “aos desafios económicos e sociais colocados pelo envelhecimento da população que se tem verificado em todo o mundo e, em particular, na Europa e em Portugal” (Marques, 2011 p.22). Visto que estamos perante um envelhecimento demográfico acentuado torna-se importante adaptar as sociedades a esta nova realidade.

Portugal é um dos países mais envelhecidos da Europa. De acordo com estimativas feitas em 2020 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), “o índice de envelhecimento em Portugal quase duplicará, passando de 159 para 300 idosos por cada 100 jovens, em 2080, em resultado do decréscimo da população jovem e do aumento da população idosa. A região mais envelhecida em 2080 será a Região

Autónoma da Madeira, com este índice a atingir os 429 idosos por cada 100 jovens, e a região menos envelhecida será o Algarve, com um índice de 204” (INE, 2020 p.1).

Segundo Debert (1999), quando se aborda o tema de longevidade humana, este não pode deixar de ser observado como um ganho coletivo, contudo, esta tendência tem representado um dos desafios para as sociedades modernas. Nas sociedades atuais, o processo de envelhecer, mesmo não estando associado à pobreza ou à invalidez, inclina-se a ser visto como uma fase desastrosa e muitas vezes indesejada, tanto pelas sociedades, como também pelos poderes públicos, ou seja, em concordância com Groth (2003) tudo isto não passa de uma construção social. De acordo com o mesmo autor, a cronologização relaciona a idade do indivíduo com o que é suposto fazer em cada fase da vida. Por outras palavras, as expectativas das sociedades de hoje esperam que as crianças frequentem a escola, bem como os adultos devem trabalhar, seguidamente casar e ter filhos. Ou seja, destas etapas, nada resta de papel criado socialmente para os idosos, desacreditando-se, desta mesma forma, os atributos e potencialidades individuais que esta população poderá possuir.

De acordo com Nelson (2016), existem três possibilidades que podem influenciar negativamente o envelhecimento ativo e saudável. A primeira está relacionada com a incorporação de estereótipos, ou seja, estereótipos que eram associados a outros idosos e em algum momento foram aplicados ao “eu”, neste caso é aplicada a teoria da incorporação de estereótipos, em que a própria pessoa acaba por esperar uma experiência negativa do seu envelhecimento (Levy's, 2009). A segunda relaciona-se com o facto de a ameaça do estereótipo poder influenciar ações e comportamentos das pessoas mais velhas, resultando em deficits que contribuem para a autorrealização dos estereótipos etários (Steele & Aronson, 1995; Steele, 2010). O último tópico vai de encontro com a possibilidade de existirem membros de um grupo (de idades avançadas) que acredite nesses estereótipos, que são incorporados culturalmente e passam essa ideia aos restantes membros, impedindo um potencial envelhecimento ativo e bem-sucedido (Abrams et al., 2011; Kornadt & Rothermund, 2011).

Segundo o autor Levy (2014), os estereótipos etários que a sociedade veicula são enraizados desde a infância e, por sua vez, conduzidos para as relações entre as pessoas. Assim sendo, a tradução possível de toda esta situação recai para o facto de que uma pessoa mais jovem é mais útil, ou até visivelmente mais bonita do que um idoso, o que se classifica como “preconceito geracional” (Sposati, 2011).

Para além dos fatores físicos e económicos, parece haver também um motivo cultural para o idadismo relativamente à população sénior nas sociedades

contemporâneas. Vive-se num período em que se beneficia sobretudo o “novo” e a “mudança”. O avanço da tecnologia passa a ser considerado como um dos primordiais valores das sociedades modernas e industrializadas e este avanço parece ser uma função da juventude, que aprende nas universidades as inovações que deverá colocar em prática no mercado de trabalho. É nesta população jovem que se investe a formação que possibilitará acompanhar os tempos. Numa sociedade dinâmica como a que se está a vivenciar, a experiência e a maturidade passam meramente a deixar de ter lugar (Marques, 2011).

Partindo deste ponto de vista, e em concordância com Leme (2011), a pessoa idosa apresenta uma marcante diferença em relação ao jovem, isto é, a pessoa sénior possui uma carga biográfica bastante maior que a do jovem, no entanto, dadas as limitações do organismo em consequência da idade, o idoso possui “uma carga biológica de inferior qualidade”. Assim sendo, o jovem é organismo principalmente biológico, enquanto que a pessoa idosa é principalmente biográfica.

Conforme refere Marques (2011), existem variadíssimos estudos em Psicologia Social que indicam que todos os indivíduos quando conhecem, abordam ou veem uma pessoa, iniciam “um processo automático, rápido e inconsciente, de classificação” dessa mesma pessoa que se desdobra em “determinadas categorias básicas que nos ajudam a compreender e a interagir de forma adequada” (Marques, 2011 p.37). Esta competência de categorização pertence às capacidades básicas dos seres humanos enquanto processadores de informação, o que se torna, imensas vezes, inevitável. Neste seguimento, é fundamental perceber que, tal como o “sexo”, a “raça” e a “idade” são umas das centrais categorias que se tornam relevantes de maneira espontânea, sempre que vemos e falamos com um indivíduo, classificamo-lo num certo grupo etário e, por sua vez, as nossas representações sobre as particularidades próprias das pessoas dessa idade conduzem a nossa interação de forma adequada (Marques, 2011).

“Esta classificação das pessoas em categorias é útil porque nos permite, muitas vezes, simplificar o mundo social complexo que nos rodeia. Somos diariamente expostos a tantos estímulos, que se tornaria impossível processar toda esta informação de um modo exaustivo. Assim, não há dúvida de que o processo de categorização é eficaz e essencial para nós enquanto “seres sociais”” (Marques, 2011 p.37). Ainda assim, este processo de categorização também pode possuir efeitos negativos porque torna todos os indivíduos de uma categoria específica muito mais homogêneos e dissemelhantes dos de outras categorias. Nesta sequência, e de acordo com a mesma autora, quando se pensa em “pessoas idosas”, inclina-se a pensar num grupo de

peças que partilha características iguais, o que pode ser negativo, pois deixa-se de considerar as especificidades de cada um. “Por exemplo, uma pessoa pode ter cabelos brancos e rugas, mas ser muito competente e saudável. Uma pista como “cabelos brancos e rugas” não deveria influenciar a minha perspectiva sobre a sua competência ou sobre a sua saúde. Mas, por vezes, é muito difícil fugir deste tipo de “correlações ilusórias”” (Marques, 2011 p.38). Seguindo o raciocínio da autora, é essencial perceber que, efetivamente, quando se classificam as pessoas em certas categorias, não se o faz de um modo isolado, pois os indivíduos são influenciados pelo modo como as sociedades em que vivem geram estas desiguais categorias e pelas representações que lhes estão habitualmente relacionadas.

Deste modo, atualmente, existe um novo perfil do idoso e da velhice, que é contribuidor de acontecimentos como o aumento da esperança média de vida e, por sua vez, das condições mundiais mais benéficas à vida humana. Esta atual perspectiva transportou uma maior visão da velhice, que não pode ser novamente regulada por concepções generalizantes e fundamentadas em estereótipos e banalização da circunstância de ser velho (Almeida, 2003). É necessário que se distancie da conjuntura da sociedade contemporânea a noção de recusa à velhice, ou até a situação de exclusão social do idoso.

Para além de tudo o que já foi mencionado, a própria população sénior acaba por assimilar e reproduzir estas visões negativas sobre o envelhecimento, acabando, muitas vezes, por interferir com o seu desempenho em tarefas a nível cognitivo, possíveis problemas de saúde e até mesmo o estreitamento das suas próprias vidas (Abrams, Eller, & Bryant, 2006; Levy, Slade, Kunkel, & Kasl, 2002).

À medida que a literatura vai avançando no sentido de integrar o conceito de idadeísmo e, por sua vez, da adoção de um estilo de vida positivo, ainda assim, nos últimos 50 anos este conceito ainda não está totalmente integrado e desenvolvido nas atuais literaturas. Desta forma, há que expandir o estudo do idadeísmo, incluindo estudos experimentais e longitudinais, bem como coletar informações qualitativas e dados observacionais para que contribuam para uma melhor compreensão das causas e das consequências do idadeísmo (Levy & Macdonald, 2016). Assim sendo, há que promover um maior desenvolvimento do conceito de idadeísmo na promoção de um envelhecimento ativo e saudável.

Posto isto, torna-se fulcral educar a população para a nova realidade que se faz sentir e proporcionar um envelhecimento com conhecimento e qualidade tanto para as presentes gerações sénior como para as futuras e incentivar encontros intergeracionais.

1.4. Conceito de Relações Intergeracionais

O tema sobre relações intergeracionais, foi desde sempre alvo de apreensão, uma vez que continuam a ser claras as diferenças e os obstáculos no próprio relacionamento entre as gerações mais velhas e mais novas. As relações entre gerações, por vezes não são espontâneas, contudo podem ser construídas, treinadas e estimuladas, com o objetivo de se dar continuidade e proximidade entre gerações (Alves e Pinto, 2012).

De acordo com Rodrigues (2012), a conceção de intergeracionalidade está ligada não só à partilha de experiências, como à repartição de comunicação entre diferentes gerações, do qual é distinguido como mais importante o seio familiar para estas mesmas trocas intergeracionais. Rodrigues, defende ainda que as gerações mais antigas constituem um papel significativo, pois vão transmitindo alicerces e qualificações às mais recentes gerações, e o inverso também acaba por acontecer.

Em conformidade com Rodrigues (2012), Oliveira (sinne ano), defende que são dois os elementos fundamentais para a construção das relações intergeracionais, sendo eles a afetividade e o contacto, visto que a afetividade sentida por cada pessoa do agregado familiar, fortalece o sentimento de pertença e espelha o verdadeiro cargo da família e da relação entre os membros do agregado. Subjacente a esta ideia, a família acaba por possuir uma função importante, dado que todos os seus elementos cooperam para a conservação das relações intergeracionais.

Complementando as ideias dos autores anteriores, Ferrigno (2015), afirma que o conceito de intergeracionalidade deve ser tido em conta como junção entre “universos culturais” com as particularidades em que num determinado momento histórico, a pertença a certa geração se configura.

Posto isto, torna-se fulcral apostar em novos espaços de convívio, com o intuito de partilhar experiências entre gerações, com o objetivo de aproximar as diferentes gerações. Ferreira (2010), é da opinião que se deveria apostar em programas intergeracionais, pois só constituem vantagens, visto que contribuem para a descoberta de diferentes realidades e até mesmo experiências de vida.

Segundo Grazina de Sousa (2012), as gerações mais recentes são responsáveis, existindo técnicos especializados nesta mesma área, como os gerontólogos, e até outros técnicos sociais que possuam as capacidades essenciais para o direcionamento de respostas sociais, de forma a acabar/evitar problemas como, o isolamento, tentando, desta forma, promover um envelhecimento mais ativo, saudável e feliz.

1.5. Abordagem do Desenho Infantil

Segundo Literat, I. (2013), ainda que os métodos de pesquisa baseados na linguagem, mais especificamente, escrita e oral, tenham sido a ferramenta de estudo mais utilizada para a pesquisa em comunicação, uma nova panóplia de estratégias não textuais está gradualmente a surgir que, para além de ser uma forma alternativa, acaba também por ser altamente versátil de conhecimento. Ainda de acordo com o mesmo autor, as comunicações visuais participativas, como o desenho, a fotografia e o vídeo, possuem o potencial inerente de pintar uma representação mais matizada das realidades, ao mesmo tempo que capacita os participantes da pesquisa. No processo visual e na discussão reflexiva das imagens e no próprio contexto da produção, os participantes acabam por receber um “canal expressivo” para expor as suas histórias interiores, para além da tomada de participação ativa no estudo. Este método de pesquisa apesar de não possuir dependência de proficiência linguística, é especialmente adequado para trabalhar com jovens e crianças, numa variedade de origens e contextos culturais.

A conceção da utilização dos recursos visuais como método de pesquisa qualitativa nas ciências sociais não é nova, contudo, a prática está a tornar-se cada vez mais participativa. No que toca às estratégias utilizadas neste método, é de ressaltar que existem ferramentas mecânicas, como por exemplo, o caso da fotografia e do vídeo, e ferramentas não mecânicas, como por exemplo, o desenho, a utilização de jogos, legos e instrumentos semelhantes (Literat, I., 2013).

No que diz respeito às principais vantagens da utilização do método de desenho participativo na pesquisa científica social, é a sua natureza inclusiva e também interativa. Uma vez que as crianças são consideradas um tipo de sujeito de pesquisa particularmente sensível, o investigador deve ter especial atenção na elaboração da sua abordagem metodológica, de forma a ser a maneira mais ética possível. Assim sendo, e de acordo com a pedagogia de Freire, esta técnica acaba por desestimular o sentido de hierarquia entre o investigador e o sujeito, o que é comparativamente mais horizontal e mais ético do que as estratégias textuais alternativas (Literat, I., 2013).

De acordo com Zlateva (2019), existem três motivos importantes para a escolha do método do desenho infantil. Primeiro, os desenhos das crianças são uma demonstração do seu progresso de desenvolvimento; segundo, é a partir do desenho que as crianças fornecem uma janela para o seu mundo interior e para a sua perspetiva sobre o que está a acontecer à sua volta e, por fim, porque são um meio universal e eficaz de comunicação entre crianças e adultos.

O interesse dos psicólogos pela arte infantil refletiu-se sobretudo no trabalho de Georg Kerschensteiner intitulado *Die Entwicklung der Zeichnerischen Begabung*, “O desenvolvimento do talento do desenho” (1905). No início do século vinte, Kerschensteiner elaborou uma extensa pesquisa sobre desenhos infantis com base na análise de cerca de 100.000 desenhos. Kerschensteiner estabeleceu quatro estágios de desenvolvimento nos desenhos:

1. “Estágio do esquema” - a criança utiliza símbolos para representar a sua ideia do objeto.

2. “Estágio de incipiente sensação de linha e forma” - o desenho apresenta uma semelhança visual com o objeto.

3. “Palco de representação segundo a aparência” - as proporções e a construção do objeto são representadas corretamente, mas não há efeitos de luz e sombra.

4. “Palco de representação de acordo com a aparência com luz e efeitos de sombra” - no quarto estágio, a forma do objeto está correta, representado e utilizando efeitos de luz e sombra.

O psicólogo Lev Vygotsky utiliza os estágios definidos por Kerschensteiner. Na primeira fase (o estágio de esquema), a criança está a elaborar um desenho de uma imagem esquemática do objeto, que não parece o mesmo que na realidade. Isto significa que, a criança está a desenhar utilizando apenas a memória e não o que ela realmente vê, ou seja, a criança não desenha o objeto real, mas sim o que ela sabe sobre o objeto e as características que são mais importantes para ela. Vygotsky defende que o desenvolvimento artístico deve ser desafiado e encorajado assim como desenvolvimento linguístico, pois contribui para a cognição e o crescimento de percepção (Zlateva, 2019).

John Lewis (1997), considerou o desenho infantil como uma atividade que tem três fases principais:

Estágio 1 – Rabiscos;

Estágio 2 - Formas simbólicas que recebem nomes;

Etapa 3 - Desenho descritivo baseado num grau de análise.

Enquanto que Herbert Read (1966) propôs sete estágios no desenvolvimento de desenhos infantis no seu livro, *Education through Art*:

Estágio 1 (2 a 4 anos) – Rabisco;

Estágio 2 (4 anos) – Linha;

Estágio 3 (5 - 6 anos) - Simbolismo Descritivo;

Estágio 4 (7 - 8 anos) - Realismo Descritivo;

Estágio 5 (9 - 10 anos) - Realismo Visual;

Estágio 6 (11 - 14 anos) – Repressão;

Etapa 7 (14 anos) - Renascimento Artístico.

Nos desenhos da figura humana, as crianças com normalidade intelectual, psicológica e desenvolvimento físico, quando se sentem felizes a desenhar uma figura humana, tentam preencher a folha de papel toda. Isto transmite-lhes uma sensação de segurança e equilíbrio em relação ao ambiente em que vivem. As crianças, por norma, costumam utilizar uma linguagem exagerada, acompanhada de cores, que inclui seis a oito cores principais. Muitas vezes, ao desenharem uma figura humana, as crianças tendem a incluir o ambiente que a rodeia. Relativamente ao tamanho das figuras e dos objetos, estes são desenhados de acordo com o quão importantes eles são para a criança. Na maior parte das vezes, o objeto principal é elaborado como sendo o maior e também com mais detalhes. No que toca ao tamanho das figuras humanas, estas são desenhadas muito maiores que o resto dos objetos do desenho, por vezes as figuras chegam a ter um tamanho maior que as portas e, às vezes, até do que os prédios. Relativamente aos objetos, estes são desenhados de acordo com sua função, por exemplo, as crianças quando desenhavam uma chaminé, desenhavam também, o fumo a sair e quando desenhavam um sol, transparecem a imagem de que o sol está a brilhar (Zlateva, 2019).

Segundo Zlateya (2019), nos desenhos das crianças consideradas relaxadas e confiantes, com idades compreendidas entre 5 e 14 anos, com desenvolvimento intelectual normal a alto, que são emocionalmente estáveis e que estão a crescer num ambiente familiar calmo, são visíveis as seguintes características:

- A folha de papel está toda preenchida;
- Composição bem organizada e equilibrada;
- Orientação espacial estruturada;
- Todas as partes do corpo estão presentes ao desenhar uma figura humana;
- As partes do corpo humano são desenhadas proporcionalmente;
- Uma quantidade significativa de detalhes;

- A inclusão de objetos da realidade circundante e / ou símbolos positivos (flores, sol, corações, borboletas);
- Cores ricas que correspondem à realidade;
- Linhas sólidas e grossas;
- Sem existência de rabiscos, apagões ou perfurações na folha de papel.

Ainda assim, é essencial saber que os desenhos elaborados pelos participantes são sempre um produto da formação cultural e particular do indivíduo, o que significa que têm que resistir a uma interpretação culturalmente neutra (Literat, I., 2013).

Capítulo 2: Problemática

2.1. Questão de partida

A questão de partida a que este projeto pretende dar resposta é a seguinte:

- Como se configura o idadismo nas representações sociais das crianças do ensino pré-escolar de uma Santa Casa da Misericórdia e dos seus avós?

A escolha do tema alusivo ao idadismo, insere-se no âmbito do mestrado em Gerontologia Social. A eleição deste tema deve-se ao interesse que suscita, uma vez que, nas sociedades atuais, regista-se um número elevado de indivíduos com idades iguais ou superiores aos 65 anos e um decréscimo da população jovem. Este fenómeno traz consigo agregado a influência da esperança média de vida, bem como a diminuição dos níveis da taxa de natalidade. Visto que as sociedades estão cada vez mais envelhecidas, há que incentivar um envelhecimento ativo e saudável, e acabar com os constantes preconceitos e discriminações em relação à população sénior. O foco que se prende conferir a esta investigação passa por perceber a relação que as crianças têm com os avós e se essa mesma relação possui impacto na imagem que criam da pessoa idosa. Por outro lado, também se pretende perceber se, pelo facto de os idosos terem algumas responsabilidades no cuidado dos respetivos netos, isso faz com que as crianças não sintam a imagem estereotipada do ser idoso.

2.2. Objetivos de investigação

Uma vez enquadrado o foco de interesse da investigação, procedeu-se à definição dos objetivos do projeto. Segundo Guerra (2002:163) os objetivos de um projeto “descrevem grandes orientações para as ações e são coerentes com as finalidades do projeto”. O atual projeto visa descrever as representações sociais da velhice, tanto nos idosos (avós), como nas crianças. Relativamente aos idosos, a recolha de informação para análise junto desta população foi realizada através de entrevistas semiestruturadas. Em relação às crianças, estas foram solicitadas a realizar desenhos alusivos ao que para elas significa a velhice, bem como a ilustração dos seus avós.

Deste modo, define-se como objetivo geral: Verificar se existem representações sociais associadas ao idadismo subjacente aos discursos dos idosos e aos desenhos elaborados pelas crianças.

Como objetivos específicos, propõe-se: identificar e caracterizar indícios de idadismo em desenhos elaborados por crianças; identificar indícios de idadismo nos discursos dos avós das crianças.

O tema deste projeto prende-se com o facto de nas sociedades atuais existir preconceito e discriminação a todos os níveis, no entanto, neste trabalho esses preconceitos serão abordados apenas na população sénior, que é alvo de idadismo por parte das gerações mais novas. Posto isto, pretende-se verificar se realmente existe o conceito de Idadismo nas representações sociais das crianças que se encontram no ensino pré-escolar de uma Santa Casa da Misericórdia em que o projeto será aplicado, e por sua vez nos discursos dos seus avós. É importante valorizar as crianças como elementos ativos da sociedade e não como simples “objetos de processos socializadores”, há que se rever “posicionamentos ontológicos e epistemológicos” no que respeita à medida política da ação das crianças de hoje e, por sua vez, das suas participações políticas nas pesquisas (Kallio e Häkli, 2011). “(...) Dar voz às crianças não significa simplesmente deixá-las falar. Trata-se de explorar o contributo único que isso oferece para a compreensão e a teorização acerca do mundo social” (James, 2007, p. 262).

Capítulo 3: Opções Metodológicas

O presente capítulo apresenta o contexto de pesquisa, a população/ amostra e as técnicas de recolhas de dados, para explorar a imagem que as crianças têm sobre as pessoas idosas. Foi aplicada a técnica do desenho da figura humana, como fonte de informação empírica, e uma entrevista semiestruturada para os idosos. Todos eles foram posteriormente alvo de uma análise de cariz qualitativo.

Este projeto foi baseado numa metodologia qualitativa, de carácter exploratório e descritivo. Sendo assim, a pesquisa exploratória “tem com o objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, como vistas a torna-lo mais explícito” (Gil, 2002, p. 43). De acordo com o mesmo autor, Gil (2002, p. 42), uma “pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou, então estabelecimento de relações entre as variáveis.”

Com este projeto, procura-se implementar um estudo de natureza qualitativa, em que sejam observáveis as representações sociais da velhice, tanto por parte das crianças, através dos desenhos, como dos idosos (avós), através de entrevistas semiestruturadas.

3.1. Contexto de Pesquisa

Esta pesquisa ocorreu no ensino pré-escolar de uma Santa Casa da Misericórdia relativamente às crianças, em que a educadora de infância foi o elemento-chave e os dados reportados neste estudo advêm de informação recolhida pela profissional, através de desenhos. Em relação aos idosos (avós), decorreu no concelho em que esta Santa Casa da Misericórdia se encontra, a informação recolhida ocorreu na parte exterior das habitações de cada idoso, de forma a que se cumprisse o distanciamento social adequado e com as devidas precauções (utilização de máscaras antigénicas).

3.2. Amostra

A amostra empregue neste projeto, designa-se como não aleatória e por conveniência, tanto na parte das crianças, como dos avós das mesmas. A amostra relativa às crianças foi selecionada através do testemunho privilegiado da Educadora de Infância.

Deste modo, a amostra analisada é constituída por 9 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos de idade e por 4 idosos (avós destas crianças). Na amostra dos avós só é possível comprovar 4 testemunhos, devido às limitações impostas pela situação de pandemia.

3.3. Técnicas de Análise de Dados

A técnica de análise de dados utilizada na vertente das crianças, foi uma tabela adaptada de uma dissertação de mestrado de 2017 (Vaz, A. (2017). *Idadismo nas Crianças: O que dizem os desenhos das crianças?* ISCTE-IUL, Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal). Este instrumento de avaliação foi sofrendo algumas alterações consoante o que foi surgindo ao longo da análise dos respetivos desenhos.

Tabela 1. Tabela de análise

Tabela de Análise				
Categorias	Subcategorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Percentagem %
Género do Desenho (com o total de nº de figuras)	Feminino			
	Masculino			

Emoções (com o total de nº de figuras)	Feliz			
	Neutro			
Características do Cabelo (com o total de nº de figuras)	Longo			
	Curto			
	Grisalho			
Qualidade Gráfica (com o total de nº de desenhos)	Com algumas limitações			
	Sem limitações			
Roupa (com o total de nº de figuras)	T-shirt			
	Vestido			
	Calças			
	Saia			
	Camisa			
	Camisola de manga comprida			
	Sem perceção			
Calçados (com o total de nº de figuras)	Sapatos			
	Sapatos de salto			
	Sem perceção			
Acessórios Desenhados (com o total de nº de figuras)	Bengala			
	Cadeira de rodas			
	Óculos			
	Acessórios decorativos			
	Chapéu			
	Acessórios no cabelo (ganchos)			
Grau de Atividade da	Ativo	Passear		

pessoa desenhada (com o total de nº de figuras)	Passivo	Ver televisão			
Integração Social (com o total de nº de desenhos)		No desenho existe mais do que uma representação humana			
Contexto em que a pessoa é desenhada (com o total de nº de figuras)		Dentro de Casa			
		Fora de Casa			
Total					

Relativamente à técnica de análise de dados utilizada nos idosos, avós das crianças, foi utilizado um guião de entrevista para que houvesse sempre uma orientação dos principais pontos a que a investigação pretendia analisar.

A entrevista semiestruturada que foi utilizada como ferramenta de análise é a seguinte:

1. O que é para si uma pessoa idosa? Como a caracteriza?
2. Como define a relação que tem com o (a) seu/sua neto (a)?
3. Que tarefas realiza, com mais frequência, com o (a) neto (a)?
4. Que tipo de responsabilidades considera que assume na relação com o seu neto. De que forma encara as responsabilidades no cuidado que possui com o (a) neto (a)?
5. Como integra essas responsabilidades na imagem que tem do que é ser idoso?
6. Já alguma vez foi abordado (a) pelo (a) neto (a), ou por outra criança com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas com mais idade? Se sim, qual?
7. Já alguma vez sentiu que não compreendia determinadas situações devido à sua idade? Se sim, esse sentimento foi criado a partir das opiniões dos outros?
8. Alguma vez o (a) seu/sua neto (a), deu a entender que não compreendia algum tipo de situação (por exemplo, relativamente às tecnologias) devido à sua idade? Se sim, em que situações isso aconteceu?

3.4. Técnica de Recolha de Dados

As Técnicas de Recolha de Dados que foram aplicadas neste projeto foram, entrevista semiestruturada aos idosos (avós) e os desenhos. Foi solicitado à educadora de infância que pedisse às crianças que ilustrassem em desenhos, a figura da pessoa idosa e noutro, a ilustração dos avós (atividades realizadas em diferentes dias). Posto isto, cada criança desenhou na sua totalidade dois desenhos.

No que toca ao método utilizado nos avós das crianças, elegeu-se a entrevista semiestruturada, em que se utiliza um guia de temas para que o entrevistador tenha uma orientação sobre os temas que irá abordar, sem que se desvie dos mesmos. Por sua vez, os entrevistados acabam por possuir uma maior liberdade de resposta, em que são encorajados a falar. Nestas entrevistas a ordem de questões poderá ser alterada.

Na investigação dos dados relativos às crianças optou-se pelo procedimento dos autores Lichestein et al. (2005) e Vilar & Fabá (2012) através da criação de categorias a partir dos elementos presentes nos desenhos. Os autores, (Lichestein et al., 2005), defende que o desenho infantil define a conceção do conhecimento, através da qual as crianças expõem os seus pensamentos, as experiências vividas e as suas ideias.

Assim sendo, as crianças, irão desempenhar um importante papel, pois de acordo com Saramago (2001), a infância é considerada como uma categoria ontologicamente diferente das outras fases do percurso social dos agentes, distanciando decididamente uma imagem das crianças como desprovidas de algum tipo de valor próprio que não fosse o de simples objetos de socialização. Esta atitude possibilita caracterizar não apenas a infância como também a sociedade onde esta se encontra inserida como estruturas mutuamente interdependentes. Desta maneira, consideram-se, assim, as crianças como "(...) componentes de um grupo social que tem um lugar na estrutura social mais vasta" (Corsaro, 1997: p.26).

A palavra infância, é empregue como categoria estrutural introduzida nas sociedades e construída comparativamente com outras estruturas sociais (Saramago, 2001). Desta maneira, torna-se uma das tarefas da sociologia da infância "(...) delinear as formas e as fronteiras existentes nas relações de dependência, poder e autoridade, destacando as atividades das crianças e a posição da infância nestes domínios" (Qvortrup, 1994: p.5).

Posto isto, a sociologia da infância, enquanto investigação elaborada em redor da atribuição de visibilidade sociológica às vozes e aos olhares das crianças, tem

comprovado a existência de identidades das crianças fortemente construídas sobre as bases do valor dos mundos sociais vividos e dos contextos de interação entre pares. Entende-se, então, que cada criança integra parte de um universo vasto e complexo enquanto legítima unidade de análise (Saramago, 2001).

A importância é colocada nas capacidades de protagonismo social das crianças, como agentes sociais específicos, capazes a realizar um papel essencial nos instrumentos de produção social das suas próprias identidades. Pode-se afirmar, desta maneira, “a legitimidade do grupo infantil enquanto grupo social específico, detentor de um complexo conjunto de práticas e representações específicas e características que conferem às crianças identidades particulares” (Saramago, 2001: p.10).

Relativamente às crianças foram pedidas autorizações aos encarregados de educação para que, desta maneira, as crianças pudessem desenhar as duas ilustrações, a primeira alusiva à figura do seu avô/avó e a segunda referente à figura de um idoso. Deste modo, o objetivo foi comparar as características dos desenhos sobre os avós e sobre a pessoa idosa. Uma das ideias principais deste projeto foi ver/analizar se a relação que a criança tem com os avós tem impacto na imagem que cria desde enquanto idosos (será que a criança vê o/a avô/avó como um idoso, dado que convive com ele? Será que ao ver os avós ativos isso faz com que a sua imagem fuja ao estereótipo de idoso?), por outro lado também se tentou perceber se pelo facto de os idosos possuírem algumas responsabilidades no cuidado dos netos, isso os faz sentir de uma forma que não a estereotipada de idoso. Tal como nas crianças, também foram abordadas as questões éticas relativamente aos idosos (avós) que fazem parte deste projeto.

Capítulo 4: Apresentação dos resultados

O presente capítulo compila os resultados encontrados na investigação feita através dos desenhos das crianças de uma Misericórdia, bem como das entrevistas correspondentes a alguns avós dessas mesmas crianças. Tal como referido anteriormente, esta pesquisa tem como principal objetivo analisar se a relação que a criança possui com os avós tem impacto na imagem que cria enquanto idosos, tentando perceber, também, se o facto dos idosos ou de alguns avós possuírem parte das responsabilidades no cuidado dos netos, faça com que as crianças não tenham uma imagem estereotipada do ser idoso.

Após a recolha dos desenhos elaborados, foi feita uma seleção dos mesmos, uma vez que dadas as idades das crianças (idades compreendidas entre os cinco e os seis anos de idade), houve desenhos que não possuíam as qualidades gráficas suficientes para que se conseguisse fazer uma boa análise. Posto isto, a amostra ficou constituída por 9 crianças, e sendo que foram solicitados dois desenhos a cada criança, a investigação ficou composta com um total de 18 desenhos (9 desenhos representativos da pessoa idosa e 9 desenhos representativos dos avós).

No que diz respeito às entrevistas executadas aos avós, foram escolhidos quatro inquiridos, mais concretamente dois indivíduos do sexo masculino e dois do sexo feminino. Através das quatro entrevistas tentar-se-á perceber se o tipo de relação que existe entre avós e netos tem influência numa provável discriminação etária, ou se os netos olham para os avós com a imagem que é criada da figura de uma pessoa idosa.

4.1. Apresentação dos resultados alusivos aos desenhos representativos da pessoa idosa

Tabela 2. Sumário dos desenhos relativos à figura de uma pessoa idosa

Desenhos da Pessoa Idosa				
Categorias	Subcategorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Percentagem %
Género do Desenho (com o total de nº de figuras)	Feminino	9	0,5	50%
	Masculino	9	0,5	50%
Emoções (com o total de nº de figuras)	Feliz	14	0,78	78%
	Neutro	4	0,22	22%
Características do Cabelo (com o total de nº de figuras)	Longo	1	0,06	6%
	Curto	7	0,39	39%
	Grisalho	10	0,56	56%
Qualidade Gráfica (com o total de nº de desenhos)	Com algumas limitações	5	0,56	56%
	Sem limitações	4	0,44	44%
	T-shirt	4	0,22	22%
	Vestido	1	0,06	6%

Roupa (com o total de nº de figuras)	Calças	12	0,67	67%	
	Saia	3	0,17	17%	
	Camisa	0	0	0%	
	Camisola de manga comprida	11	0,61	61%	
	Sem perceção	2	0,11	11%	
Calçados (com o total de nº de figuras)	Sapatos	16	0,89	89%	
	Sapatos de salto	0	0	0%	
	Sem perceção	2	0,11	11%	
Acessórios Desenhados (com o total de nº de figuras)	Bengala	9	0,5	50%	
	Cadeira de rodas	1	0,06	6%	
	Óculos	4	0,22	22%	
	Acessórios decorativos				
	Chapéu	1	0,06	6%	
	Acessórios no cabelo (ganchos)		0	0%	
Grau de Atividade da pessoa desenhada (com o total de nº de figuras)	Ativo	Passear	18	1	100%
	Passivo	Ver televisão	/	/	/
Integração Social (com o total de nº de desenhos)	No desenho existe mais do que uma representação humana		9	1	100%
Contexto em que a pessoa é desenhada (com o total de nº de figuras)	Dentro de Casa		/	/	/
	Fora de Casa		18	1	100%
Total			18 figuras 9 desenhos	1	100%

Adaptado de, Vaz, A. (2017). *Idadismo nas Crianças: O que dizem os desenhos das crianças?* ISCTE-IUL, Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

→De acordo com os resultados mais relevantes, expostos na tabela 1, conclui-se que todas as crianças desenharam duas figuras, uma figura do sexo feminino e outra do sexo masculino. Também é observável que na maioria dos desenhos as figuras que estão representadas apresentam um ar feliz e a minoria (22%) apresenta apenas um ar neutro. Relativamente ao cabelo, a maioria das crianças desenhou os idosos de cabelo grisalho (mais propriamente com o tom de lápis cinzento), um sinal aparente de marca de idade. Em relação ao vestuário as características que mais predominam são, as calças e a blusa de manga comprida. As características mais significativas nos desenhos apresentados são que, 50% das figuras encontram-se acompanhadas de uma bengala, quatro apresentam óculos e uma evidencia uma cadeira de rodas. A visão que estas crianças possuem perante a imagem da figura idosa, pode estar interligada com o estudo de Moscovici (1961;2003), em que o autor defende que as representações sociais muitas vezes são criadas e disseminadas através de interações públicas entre agentes sociais, como por exemplo, em conversas do cotidiano. De acordo com Jodelet (2001), as representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22).

Assim sendo, estes sinais acabam por revelar uma representação social mais negativa desta faixa etária, prendendo-se com a ideia de incapacidade física. É possível que estes sinais particulares venham ao encontro de uma representação idadista das pessoas com uma faixa etária mais avançada. Em todos os desenhos as figuras encontram-se sempre fora de casa e a passear, o que poderá estar diretamente relacionado com os idosos que estas crianças visualizam no seu dia-a-dia a passear pelas ruas, ou então com os idosos que se encontram na parte exterior da instituição que está situada ao lado da escola destas crianças. Dada a idade das crianças, 56% dos desenhos apresentam limitações, mais especificamente, a nível do desenho, nem sempre as ilustrações são claras o suficiente para se chegar a determinadas conclusões, ainda assim, é possível verificar características específicas de pessoas com idades avançadas ao longo de cada desenho.

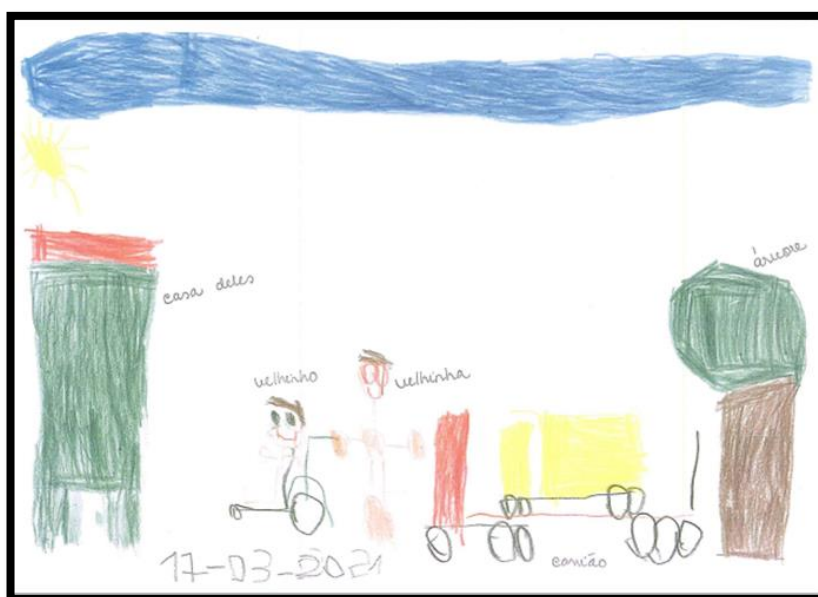


Figura 1

4.2. Apresentação dos resultados alusivos aos desenhos representativos dos avós

Tabela 3. Sumário dos desenhos relativos aos avós das crianças

Desenhos dos Avós				
Categorias	Subcategorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Percentagem %
Género do Desenho (com o total de nº de figuras)	Feminino	16	0,55	55%
	Masculino	13	0,45	45%
Emoções (com o total de nº de figuras)	Feliz	26	0,90	90%
	Neutro	3	0,10	10%
Características do Cabelo (com o total de nº de figuras)	Longo	0	0	0%
	Curto	19	0,66	66%
	Grisalho	10	0,34	34%
Qualidade Gráfica (com o total de nº de desenhos)	Com algumas limitações	5	0,56	56%
	Sem limitações	4	0,44	44%
	T-shirt	7	0,24	24%
	Vestido	3	0,10	10%

Roupa (com o total de nº de figuras)	Calças	21	0,72	72%	
	Saia	5	0,17	17%	
	Camisa	1	0,03	3%	
	Camisola de manga comprida	18	0,62	62%	
	Sem perceção	/	/	/	
Calçados (com o total de nº de figuras)	Sapatos	28	0,97	97%	
	Sapatos de salto	1	0,03	3%	
	Sem perceção	/	/	/	
Acessórios Desenhados (com o total de nº de figuras)	Bengala	0	0	0%	
	Cadeira de rodas	0	0	0%	
	Óculos	1	0,03	3%	
	Acessórios decorativos				
	Chapéu	0	0	0%	
	Acessórios no cabelo (ganchos)	2	0,07	7%	
Grau de Atividade da pessoa desenhada (com o total de nº de figuras)	Ativo	Passear	27	0,93	93%
	Passivo	Ver televisão	1	0,03	3%
	Sem perceção		1	0,03	3%
Integração Social (com o total de nº de desenhos)	No desenho existe mais do que uma representação humana	9	0,31	31%	
Contexto em que a pessoa é desenhada (com o total de nº de figuras)	Dentro de Casa	2	0,07	7%	
	Fora de Casa	27	0,93	93%	
Total		29 figuras 9 desenhos	1	100%	

Adaptado de, Vaz, A. (2017). *Idadismo nas Crianças: O que dizem os desenhos das crianças?* ISCTE-IUL, Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

→Após a análise da tabela 2, é possível verificar que 55% das figuras são do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Nos desenhos a grande maioria dos avós (90%) apresentam um ar feliz e apenas 10% apresenta um ar neutro. Relativamente ao cabelo 66% apresenta cabelo curto e apenas 34% apresenta o cabelo grisalho, na generalidade dos desenhos os avós apresentam calças e camisola de manga comprida. Uma característica interessante é que uma das avós apresenta sapatos de salto alto, o que poderá ser um sinónimo aparente de que a avó ainda apresenta uma idade não muito avançada. Relativamente aos acessórios desenhados, apenas uma figura se apresenta de óculos e duas de acessórios no cabelo, mais propriamente, ganchos. Na globalidade dos desenhos, os avós encontram-se a passear e apenas duas figuras se apresentam com um grau de atividade mais passivo, situando-se dentro de casa. Em todos os desenhos as crianças desenharam mais do que uma figura, o que quer dizer que ainda têm, pelo menos, dois avós. Nestas representações apesar das limitações aparentes, é possível verificar que, de acordo, com as particularidades das figuras representadas, de um modo geral, os avós das crianças não apresentam grandes indícios de idade avançada, ou quaisquer representações idadistas.

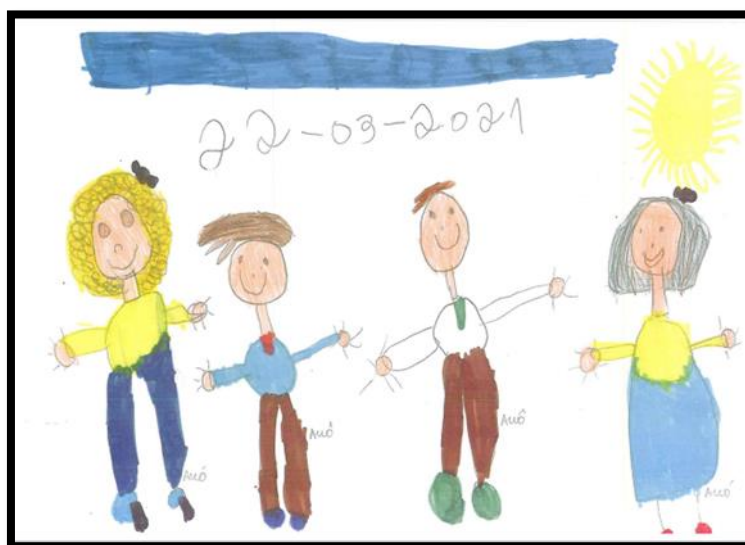


Figura 2

4.3. Comparação dos resultados entre os desenhos da figura da pessoa idosa e dos desenhos representativos dos avós das crianças

Após a análise e comparação dos dois desenhos, é possível constatar que nos desenhos da pessoa idosa, existem mais características de pessoas com idade avançada, como cabelos grisalhos (56%), utilização de óculos, e até mesmo limitações físicas e dificuldades de locomoção, que não se encontram nos desenhos alusivos aos avós. No desenho da pessoa idosa, 50% das figuras fazem-se acompanhar de uma bengala e uma figura até é representada de cadeira de rodas. Pode-se concluir com esta análise que a maioria das crianças tem uma conceção diferente da imagem que cria do ser idoso e dos seus avós. Esta diferenciação pode estar ligada com o facto das relações familiares de proximidade que estas crianças possuem com os avós. Revela, ainda, que estas crianças não ligam a imagem dos avós com a dos idosos em geral e veem os idosos que se encontram ao lado das mesmas, (já referido anteriormente) pela existência de um lar de terceira idade ao lado do edifício da escola onde estas crianças se encontram inscritas.

Torna-se importante referir que tanto nos desenhos dos avós como das representações das pessoas idosas, as figuras apresentam, na sua globalidade, um ar feliz. Também é de salientar que, em ambos os desenhos, na sua maioria, foram retratadas pessoas a passear, o que indica, que apesar das limitações aparentes, pode-se interpretar que, nos desenhos dos idosos, os indivíduos ainda se encontram ativos.

Neste seguimento, embora se possa interpretar alguns indícios de idadismo por parte das ilustrações da figura idosa por apresentarem limitações, sobretudo, ao nível da locomoção, como já foi referido, estas crianças conseguem visualizar, no seu dia-a-dia idosos que já se encontram internos numa instituição de terceira idade, em que apresentam essas mesmas características.

Assim sendo, pode-se concluir, que existe a presença de idadismo ao longo dos desenhos alusivos à pessoa idosa, pois as ilustrações apresentam bastantes elementos que comparativamente com os desenhos dos avós, levam a indícios de discriminações, pois nos desenhos da figura idosa, as ilustrações apresentam bastantes limitações a nível físico, limitações essas evidenciadas anteriormente, o que contrariamente não é tão visível nos desenhos dos avós. Com esta comparação entre os dois desenhos, pode-se depreender, que estas crianças não encaram os avós da mesma forma que olham para os idosos que os vão rodeando ao longo do seu dia-a-dia.

4.4. Apresentação dos resultados das entrevistas aos avós das crianças da Misericórdia

4.4.1. Análise das entrevistas

Entrevista 1 – outubro de 2021

Avó X, 74 anos de idade

A avó entrevistada tem 74 anos de idade, já se encontra reformada, reside com o seu companheiro, que também já se apresenta na reforma e têm dois netos.

No primeiro ponto da entrevista relativo à caracterização da pessoa idosa, esta avó, relata que atualmente as pessoas são consideradas idosas mais tarde, uma vez que o aspeto físico é notoriamente diferente, justificando que há uns anos atrás as pessoas com 50 anos já apresentavam grandes marcas de idade. Contudo, esta caracterização também se prende com as limitações que cada individuo vá apresentando ao longo do tempo, pronunciando a possibilidade de ter que se ir para um lar de idosos. Ainda assim, na mesma questão, confia que com a idade que tem, apesar de já não ser considerada nova, também não se sente idosa.

No que diz respeito à relação que esta avó tem com os netos, mais especificamente com a neta que faz parte do estudo, a entrevistada transmite que tem uma relação bastante próxima com a mesma, revelando que são várias as vezes que vai buscar a neta à escola e que mesmo durante o fim de semana chegam a passar muito tempo juntas.

Esta avó demonstrou preocupação em ter um papel importante na vida da neta, querendo contribuir bastante para a sua educação, valorizando o saber estar de uma criança. Acabou ainda por confessar, a importância do dizer que não a uma criança afirmando que, passa a transição, “mais vale lhe custar agora um “não”, do que lhe custar quando for mais velha por não ter tido as bases que fazem parte da educação, que lhes são dadas, principalmente, por parte dos pais, mas também por parte daqueles avós que estão muito presentes na vida das crianças”.

Relativamente à forma como a entrevistada encara as responsabilidades na imagem do que é ser idoso, a mesma reconhece que no seu caso e do seu companheiro, são responsabilidades muito boas, não só por já se encontrarem reformados e gostarem de fazer parte da vida dos netos, mas também como forma de se sentirem mais ativos.

No que se refere às três últimas questões que vão de encontro ao facto de se perceber se existe discriminação etária, a avó X alega que a neta nunca fez nenhuma apreciação negativa a pessoas de mais idade, referindo que tal atitude acaba por estar interligada com a educação que é transmitida às crianças. No que diz respeito ao facto de alguma vez já ter sentido que não compreendia algum tipo de situação devido à sua idade, esta avó defende que a idade é apenas um número e que o espírito é que define se uma pessoa é “velha”.

Por se considerar uma pessoa bastante dinâmica, a entrevistada diz conseguir acompanhar as novas tecnologias, declarando que a neta nunca deu a entender que a avó não compreendia algum tipo de situação devido à sua idade.

Entrevista 2 – novembro de 2021

Avô Z, 73 anos de idade

O avô entrevistado possui 73 anos de idade, já se apresenta na idade da reforma, tal como o seu cônjuge que reside consigo.

No decorrer de toda a entrevista, foi possível apurar que estes avós, mais especificamente, este avô, tem um papel muito presente e ativo na vida dos netos, contribuindo de igual forma para as suas educações.

No que diz respeito à primeira questão que consta na entrevista, o entrevistado considera uma pessoa idosa, um indivíduo que para além de possuir uma idade estimada avançada, que apresente também limitações, mas sobretudo uma pessoa que conta, por norma, com uma grande experiência de vida.

Um aspeto que se torna importante realçar nesta entrevista, é o facto de este avô assumir a sua relação com os netos paternal, confessando até que atualmente, tem mais paciência para os netos, do que realmente tinha para os filhos, admitindo de seguida, que nos dias de hoje, se considera mais compreensivo com as atitudes das crianças, do que há uns anos atrás. Acaba por expressar, similarmente, que uma vez que tem mais tempo para os netos, muitas vezes brinca e os leva a passear, dando valor aos passeios ao ar livre.

No que consta às questões mais direcionadas à discriminação etária, o avô Z, diz nunca ter presenciado quaisquer comentários negativos em relação a pessoas que apresentassem um ar mais envelhecido. Contudo, este avô revela que o neto, que faz parte da amostra, o trata por “avô velhinho”, por apresentar cabelos brancos enquanto

que o avô materno não os possui. Ainda assim, o entrevistado encara este tratamento com carinho, e não como alguma forma de discriminação por parte do neto, referindo até, que é o avô que usufrui de uma relação mais próxima em relação ao avô materno.

Relativamente às novas tecnologias, o entrevistado testemunha que compreende o básico das novas tecnologias, porém, alega já possuir algumas limitações, acabando por algumas vezes, pedir auxílio ao filho. Sente que algumas vezes não consegue acompanhar linearmente nas tecnologias, enquanto que os jovens, nos dias de hoje, parece que “já nascem ensinados”.

Entrevista 3 – janeiro de 2022

Avó A, 71 anos de idade

A avó A tem 71 anos de idade, já se encontra na idade da reforma, igualmente como o seu cônjuge que reside consigo.

Logo no início da entrevista, como ao logo da mesma, foi bastante visível a proximidade que esta avó possui com a sua neta, sendo um membro familiar de grande presença na vida desta criança.

No que toca à primeira questão da presente entrevista, a entrevistada tem em conta uma pessoa idosa, um indivíduo que apresente muito saber, experiência de vida e que transmite aos mais novos os tempos de antigamente, até mesmo as diferenças de ligações entre pais e filhos da sua altura para a atualidade.

Relativamente à ligação que esta avó conserva com a sua neta, a entrevistada declara que viu nascer a neta, tal como também fui a mesma que lhe deu o primeiro banho e que conseqüentemente chega a adormecer ou a dormir com a neta.

Um exemplo de tarefa que esta avó e neta realizam frequentemente, é no local da cozinha, em que a familiar comprou, de propósito, uma “cadeirinha” para que quando a neta a quiser ajudar na elaboração das refeições, consiga estar da sua altura e consigam partilhar essa tarefa que a neta não dispensa. A entrevista chega mesmo a referir que a neta anda sempre atrás de si com a “cadeirinha”, para que, desta forma, consiga observar todas as tarefas que a avó realiza no seu dia-a-dia.

Um ponto pertinente nesta entrevista, é o facto desta criança ter o cuidado de todos os dias elaborar um desenho dedicado à sua avó, desenhos esses que a familiar

faz questão de guardar com enorme carinho. Estes desenhos têm sempre como imagens ilustrativas a figura da avó e da própria neta.

Esta avó assume que os cuidados que tem com a sua neta a faz sentir mais ativa, dinâmica, “com mais poder de pensamento” e que contribui igualmente para a sua sanidade mental, chegando a afirmar que no meio das brincadeiras que tem com a criança, por vezes, até se chega a sentir mais jovem.

No que diz respeito à sexta questão da entrevista, em que se é questionado se alguma vez já foi abordada com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas de mais idade, a entrevistada afirma que, ocasionalmente, quando está entre brincadeiras com a neta, a criança já chegou a dizer, “tu já és um bocadinho cota”, mais especificamente, quando a avó não lhe responde ao que ela quer, ou quando não percebe alguma situação. Contudo esta familiar alega não se importar com estas depreciações e até as chega a encarar com carinho. Em relação a terceiros, a familiar defende nunca ter presenciado qualquer tipo de discriminação por parte da neta.

Até ao momento, a avó A nunca sentiu que não compreendia qualquer tipo de situação por motivo da sua idade, considerando-se uma pessoa “desenrascada” e que consegue perceber “as coisas logo à primeira”.

Em referência às novas tecnologias a entrevistada prefere dominar apenas as chamadas e as mensagens que recebe no seu telemóvel, o que a neta expressa que no seu entender deveria ligar mais às tecnologias, bem como às redes sociais.

Entrevista 4 – janeiro de 2022

Avô J, 75 anos de idade

O entrevistado apresenta 75 anos de idade, já se encontra reformado, tal como o seu cônjuge com quem habita.

Partindo logo para a primeira questão, o avô J não se estendeu muito quanto a esta interrogação, argumentando que para si uma pessoa idosa, é um sujeito que apresenta conhecimento, experiência e que sabe atuar no seu dia-a-dia.

Quanto à relação que possui tanto com a neta que faz parte da amostra como dos restantes netos, o avô diz possuir uma relação muito positiva, em que possui preocupações no seu cuidado, como tenta dar todos os apoios exequíveis para que os netos cresçam com saúde e educação. Destas relações prevalecem dinâmicas como a

ida ao parque, passeios de bicicleta, embora o avô realce o facto de só ficar a vigiar. Um ponto importante das atividades que este entrevistado realiza com os netos, é que é o avô que ensina os netos a jogar no computador, para além disto, também faz questão de lhes ensinar a escrever palavras e números. Todas estas responsabilidades possuem um importante papel para o entrevistado, pois as suas maiores preocupações são o ambiente em que os netos se encontram e a sua felicidade.

O avô J assume-se como uma pessoa ativa e que se preocupa em se manter sempre atualizado. Os cuidados que possui com os netos ainda o ajudam a contribuir mais para esta condição, através das brincadeiras que partilham, referindo ainda serem uma mais valia tanto a nível físico como psicológico.

No que diz respeito a apreciações negativas a respeito da idade, o entrevistado declara nunca ter sido abordado, nem presenciado qualquer tipo de discriminação referente a si, a sua esposa ou até mesmo a terceiros por parte da neta.

Uma vez que este avô ainda se considera ativo, a única característica que reconhece ter alterado, de certa forma, derivado à sua idade, são certos esquecimentos que por vezes tem.

Quanto ao manuseamento das novas tecnologias, este inquirido afirma dominar as mesmas, visto que devido à sua antiga profissão teve sempre ligado aos computadores e a diversos programas informáticos. Até mesmo no que se refere às redes sociais, este avô afirma que fazem parte do seu dia-a-dia.

Uma ocupação que o entrevistado declara disfrutar, é a reparação de computadores, ou inclusivamente, a construção de computadores a partir de peças de outros, passa a transcrição como justificação do argumento, “tenho familiares meus que como já sabem que eu me entretenho com estas coisas, dão-me os computadores velhos ou estragados deles, e a partir dali invento logo outra engenhoca”.

4.4.2. Conclusão dos resultados das entrevistas

Após a análise das quatro entrevistas correspondentes aos avós de quatro crianças que fazem parte do estudo, pode-se concluir de imediato que, a relação que estes avós têm com os netos, é bastante próxima, o que poderá ter influência na imagem do que é ser idoso para estas crianças. Em algumas entrevistas foi possível verificar a presença de idadismo, embora estas atitudes tenham sido encaradas com carinho por parte dos avós.

Torna-se necessário realçar um facto pertinente, a maioria dos avós destas crianças vive no mesmo meio que os netos, o que facilita nas relações que possuem, outro facto é o meio em que estas famílias se encontram a residir, trata-se de uma terra pequena, em que a presença de pessoas idosas é elevada, ou seja, aborda-se uma localidade marcada pelo envelhecimento.

Ao longo das entrevistas, é evidente a contribuição que estes netos possuem para a vida ativa dos avós, visto que todos os familiares entrevistados se encontram reformados.

Uma situação que também será pertinente mencionar, é o facto de as gerações estarem em constante desenvolvimento, ou seja, os avós de há vinte anos atrás, já não possuem as mesmas características que os avós dos dias de hoje.

Os atuais avós já possuem mais contacto com as novas tecnologias, tema abordado nas entrevistas. Embora alguns destes avós não dominem tão facilmente as novas tecnologias, já vão participando, em parte nelas, e é aqui que os netos entram muitas vezes, auxiliando os avós no manuseamento de certas redes sociais. Numa das questões da entrevista, a avó X, reporta esta mesma situação, mas de uma outra forma, referindo que, nos dias de hoje, passa a transcrição, “as pessoas são consideradas “velhas”, mais tarde, antigamente uma pessoa de 50 anos, até fisicamente já era velha”. Neste caso também já é evidenciado, não só, alterações no aspeto físico, mas também, implicitamente, a esperança média de vida, que cada vez, é mais longínqua. Neste contexto, também, é possível justificar o aspeto físico com uma declaração que o avô Z fez, em que o neto o trata como o “avô velhinho”, por apresentar cabelos brancos e o avô materno não possuir essa característica física, enquanto que na entrevista da avó A, a mesma declara que a neta, por vezes, a considera “cota”, quando a familiar não compreende alguma situação. Posto isto, pode-se comprovar que, nestes casos específicos, os netos associam certas características de pessoas idosas aos seus próprios avós. Porém, este tipo de tratamento embora possa ser adquirido como forma de idadismo, os dois avós encaram-no como um ato de carinho, e não de discriminação.

Portanto, é indispensável destacar, também, que poderá haver uma determinada comparação/ligação entre os idosos que dominam as tecnologias, em que não são tão facilmente associados à imagem do idoso e aqueles que não manuseiam no seu cotidiano as diferentes tecnologias, em que nesta situação em concreto, por vezes, são diretamente ligados à figura de uma pessoa idosa. A prova disso está, por exemplo, na entrevista da avó A, em que a neta entende que a avó deveria utilizar as redes sociais no seu dia-a-dia e na entrevista do avô J, que domina as novas tecnologias, inclusive

utiliza constantemente as redes sociais e ainda ensina os netos a jogar no computador. Este último familiar referenciado nunca foi alvo de discriminação etária por parte dos netos, enquanto que a avó A já foi associada, por parte da neta, a uma pessoa de idade avançada.

Assim sendo, pode-se concluir que, apesar dos avós destas crianças não terem verificado, até à data, qualquer tipo de discriminação etária (aparente), na relação que possuem com os netos, nem em nenhum dos casos se depararam com a presença de atitudes idadistas por parte dos netos em relação a pessoas que não pertençam ao núcleo familiar, nos desenhos solicitados anteriormente às entrevistas, as crianças não comprovam na sua totalidade estas evidências. Embora os avós entrevistados não tenham presenciado ou dado conta de algum tipo de discriminação, nos desenhos não comprovam essa realidade, pois em grande parte dos desenhos, incluindo no dos netos correspondentes, na ilustração da pessoa idosa foram verificadas limitações, o que não aconteceu nos desenhos dos avós. Mais uma vez, a relação de proximidade que estes avós possuem com as crianças poderá ter influência, visto que as crianças nem sempre associam comparação entre os idosos e os seus familiares, relativamente ao aspeto físico que foi salientado nos desenhos.

Deste modo, as relações intergeracionais dependem de dois grandes elementos, a afetividade e o contacto, ou seja, a família possui uma importante função nestas relações, uma vez que todos os elementos cooperam para a conservação das relações de intergeracionalidade (Rodrigues, 2012 e Oliveira, sinne ano), existindo partilha de experiências, que constituem um papel significativo para os mais novos, pois transmitem alicerces e qualificações, e o inverso também acontece (Rodrigues, 2012).

Conclusão

Com o presente trabalho pode-se concluir que, a OMS tem vindo a propor uma nova conceção de envelhecimento ativo mais abrangente que integre numa perspetiva multidimensional os vários domínios da vida pessoal e social e que, por sua vez, contrarie a tendência para uma visão redutora, direcionada unicamente para a vertente da empregabilidade (Veloso, 2015).

A nível individual o envelhecimento ativo objetiva dotar as pessoas de uma tomada de consciência acerca do poder e controlo que têm na sua vida, através de mecanismos adaptativos, de aceitação e de autonomia (Ribeiro e Paúl, 2011). Os conceitos chave deste novo paradigma são: a autonomia relacionada com a capacidade de tomar decisões e gerir a sua vida; a independência relacionada com a capacidade de desempenho no autocuidado e atividades de vida diária (Sequeira, 2010); a expectativa de vida saudável considerada como o tempo de vida que se espera viver sem necessitar de cuidados especiais (Ribeiro e Paúl, 2011); e a qualidade de vida, que é um conceito amplo e complexo que incorpora a saúde física, estado psicológico, nível de independência, relacionamentos sociais, crenças pessoais e características do meio em que se encontram inseridas (OMS, 2002).

O perfil da velhice e da pessoa idosa, bem como o aumento do número desta população específica, é atualmente contribuidor do aumento da esperança média de vida, assim como também dos avanços na medicina. Posto isto, o modo como se encaram os idosos não pode ser limitado por atitudes generalizadas e baseadas em preconceitos e banalizações à velhice (Almeida, 2003). Assim, é fundamental conhecer o conceito de idadismo, pois é necessário dar resposta “aos desafios económicos e sociais colocados pelo envelhecimento da população que se tem verificado em todo o mundo e, em particular, na Europa e em Portugal” (Marques, 2011 p:22). Visto que estamos perante um envelhecimento demográfico acentuado torna-se importante adaptar as sociedades a esta nova realidade.

Ou seja, segundo Jodelet (2001), uma representação social, "... é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (p. 22). Para Wagner (1998), representação social é simultaneamente um "... conteúdo mental estruturado - isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico - sobre um fenómeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente partilhado com outros membros do grupo social" e "... um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento partilhado"(p. 3-4). Já a

perspetiva de Doise (1985), concebe as representações sociais como "... princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações" (p. 246).

Deste modo, utilizou-se como instrumentos de recolha de dados a entrevista semiestruturada, aos avós das crianças, e o método do desenho infantil às crianças, em que elaboraram dois desenhos diferentes, um relativo ao que é para a criança a pessoa idosa e outro em que as mesmas apresentaram um desenho dos seus avós.

O método do desenho infantil tem vantagens como a inclusão e a interatividade. Dado que as crianças são consideradas um tipo de sujeito particularmente sensível, o investigador deve ter especial atenção na elaboração da abordagem metodológica, de modo a que seja elaborada da maneira mais ética possível. Em conformidade com Freire, esta técnica desestimula o sentido de hierarquia entre o investigador e o sujeito, que é comparativamente mais horizontal e ético, relativamente às estratégias textuais alternativas (Literat, I., 2013).

Após a comparação dos dois desenhos, foi possível concluir que, nos desenhos da pessoa "idosa", existem mais características de pessoas com idade avançada, como cabelos grisalhos (56%), utilização de óculos, e até mesmo limitações físicas e dificuldades de locomoção, que não se encontram nos desenhos alusivos aos avós. Ou seja, estão presentes ao logo dos desenhos a existência de idadismo para com as pessoas idosas, e ainda se pode depreender, que estas crianças não encaram os avós da mesma forma que olham para os idosos que os vão rodeando ao longo do tempo. Porém, é importante referir que estas crianças conseguem visualizar, no seu dia-a-dia idosos que já se encontram numa instituição de terceira idade, que apresentam essas mesmas características.

Os estereótipos etários que as sociedades incorporam são, muitas vezes, interiorizados durante a infância, sendo carregados para as relações entre as pessoas (Levy, 2014)., A pouca atenção dedicada ao envelhecimento nos programas escolares, poderá ser uma das causas destes estereótipos (Levy, 2016). São vários os estudos que indiciam que a educação sobre o envelhecimento é eficaz na redução do idadismo (Boswell, 2012; McCleary, 2014; Ragan & Bowen, 2001). Desta forma, intervenções direcionadas a aumentar o conhecimento sobre o envelhecimento para além de resultarem em melhores atitudes/comportamentos perante os idosos, também contribui para um envelhecimento com conhecimento (Chonody, 2015). A falta de informação e os estereótipos generalizados sobre o envelhecimento, por vezes, podem ser

perpetuados por insuficiência intergeracional (Allport, 1954; Brown & Hewstone, 2005; Pettigrew & Tropp, 2006).

Relativamente às entrevistas aos avós das crianças, pode-se concluir que, apesar dos avós destas crianças não tenham dado conta de qualquer tipo de discriminação etária na relação que possuem com os netos, ou em relação a terceiros, nos desenhos solicitados, as crianças não comprovam na sua totalidade estas evidências, pois em todos os desenhos, incluindo no dos seus netos, na ilustração da pessoa idosa foram verificadas limitações, o que não aconteceu nos desenhos dos avós. Mais uma vez, a relação de proximidade que estes avós possuem com as crianças poderá ter influência, uma vez que as crianças não associam comparação entre os idosos e os seus familiares.

A conceção de intergeracionalidade está ligada não só à partilha de experiências, como à repartição de comunicação entre diferentes gerações, do qual é distinguido como mais importante o seio familiar para estas mesmas trocas intergeracionais. Assim, as gerações mais antigas constituem um papel significativo, pois vão transmitindo alicerces e qualificações às mais recentes gerações, e o inverso também acaba por acontecer (Rodrigues, 2012).

Assim sendo, torna-se fulcral, desmistificar todos preconceitos e discriminações que atualmente se verificam nas sociedades, em relação à população sénior. Apostando, cada vez mais, em novos espaços de convívio, com o intuito de partilhar experiências entre gerações, tendo como objetivo principal aproximar as diferentes gerações.

Bibliografia

- Araújo, L., Coutinho, M. & Santos M. (2006). O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspetiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*; 18 (2): 89-98; mai./ago.
- Drury, L., Lamont, R., Swift, H. & Abrams D. (2017). The Risks of Ageism Model: How Ageism and Negative Attitudes toward Age Can Be a Barrier to Active Aging. *Social Issues and Policy Review*, Vol. 11, No. 1, 2017, pp. 195—231.
- Fernandes, N. & Marchi, R. (2020). A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. *Revista Brasileira de Educação* v. 25 e250024.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa, Monitor.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), Statistics Portugal (2020). *Destaque à Comunidade Social*.
- Montijo, J. (2018). *Projeto Intergeracional de combate ao isolamento social e solidão dos idosos no concelho de Estremoz* (Trabalho de Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social) ISCTE-IUL, Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Levy, S. & Macdonald J. (2016). *Progress on Understanding Ageism*. *Journal of Social Issues*, Vol. 72, No. 1, 2016, pp. 5—25 doi: 10.1111/josi.12153.
- Literat, I. (2013). “A pencil for your thoughts”: *Participatory drawing as a visual research method with children and youth*. *International Journal of Qualitative Methods*, 12(1), 84-98.
- Lytle, A. & Levy, S. *Reducing Ageism: Education About Aging and Extended Contact With Older Adults*. The Gerontological Society of America. cite as: *Gerontologist*, 2019, Vol. 59, No. 3, 580–588 doi:10.1093/geront/gnx177. Advance Access publication November 19, 2017. Downloaded from <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/59/3/580/4641808> by guest on 13 July 2020.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Rua Tierno Galvan, Torre 3, 9.ºJ, 1070-274 Lisboa, Portugal.

- Saramago, S. (2001). *Metodologias de Pesquisa Empírica com Crianças*. SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, n.º 35, 2001, pp. 9-29.
- Santos, F. (2012). *Gerações Lx. Proposta de projeto piloto para diminuir e promover um autoconceito positivo num grupo de seniores e jovens* (Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia social e das Organizações). ISCTE-IUL, Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Sousa, A., Lodovici, F., Silveira, N. & Arantes, R. (2014). *Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade*. Estud. interdiscipl. envelhec., Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 853-877.
- Vaz, A. (2017). *Idadismo nas Crianças: O que dizem os desenhos das crianças?* (Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social da Saúde). ISCTE-IUL, Escola de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Veloso, A. (2015). *Envelhecimento, Saúde e Satisfação. Efeitos do Envelhecimento Ativo na Qualidade de Vida* (Dissertação de Mestrado em Gestão e Economia da Saúde). Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Wachelke, J. & Camargo, B. (2007). *Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento*. Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology, Vol. 41, Num. 3 pp. 379-390.
- Zlateva A. (2019). *How To Read Childrens' Drawings*. L-Università ta' Malta/ Centre for Resilience & Socio-Emotional Health.

Anexos

Anexo A – Consentimentos Informados

Anexo B - Entrevistas aos avós das crianças

Anexo C – Ilustrações dos desenhos alusivos à pessoa idosa

Anexo D – Ilustrações dos desenhos alusivos aos avós

Anexo A – Consentimentos Informados

Consentimento Informado

Eu, Beatriz Saianda, aluna de Mestrado em Gerontologia Social, na Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, encontro-me a desenvolver na minha Dissertação de Mestrado, um estudo sobre atitudes idadistas.

O procedimento de recolha de informação, neste estudo, consiste na elaboração de dois desenhos, um representativo da pessoa idosa e outro alusivo aos avós das crianças que estejam autorizadas a participar nesta análise. Salienta-se que a elaboração dos desenhos terá de ser feita em dias diferentes. Toda a informação fornecida é anónima e confidencial, pois os desenhos serão apenas utilizados no âmbito desta investigação, não expondo de modo algum o nome de qualquer criança associado a nenhuma outra parte do processo.

Caso tenha alguma dúvida, pode colocá-la a qualquer momento, ou se desejar obter outros esclarecimentos acerca da investigação, pode contactar-me através do e-mail beatriz.saianda1997@gmail.com.

Ao assinar, concorda que foi informada acerca do procedimento, que teve oportunidade de colocar questões, de obter respostas que esclarecessem as dúvidas existentes e que compreendeu toda a informação. Declara, ainda, que os encarregados de educação das crianças aceitaram que os seus educandos participassem na investigação, bem como a utilização dos desenhos no âmbito do estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Consentimento Informado

Eu, Beatriz Saianda, aluna de Mestrado em Gerontologia Social, na Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, encontro-me a desenvolver na minha Dissertação de Mestrado, um estudo sobre atitudes idadistas.

O procedimento de recolha de informação, neste estudo, consiste numa entrevista semiestruturada, em que lhe é pedido que responda com a maior honestidade possível. Toda a informação fornecida é anónima e confidencial, pois as entrevistas serão apenas utilizadas no âmbito desta investigação, não expondo de modo algum o seu nome associado a nenhuma outra parte do processo.

Caso tenha alguma dúvida, pode colocá-la a qualquer momento, ou se desejar obter outros esclarecimentos acerca da investigação, pode contactar-me através do e-mail beatriz.saianda1997@gmail.com.

Ao assinar, concorda que foi informado/a acerca do procedimento, que teve oportunidade de colocar questões, de obter respostas que esclarecessem as dúvidas existentes e que compreendeu toda a informação. Declara, ainda, que aceita participar de livre e espontânea vontade e que autoriza a utilização dos dados no âmbito deste estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Anexo B – Entrevistas aos avós das crianças

Entrevista 1

Avó X, 74 anos de idade

1. O que é para si uma pessoa idosa? Como a caracteriza?

Nos dias de hoje as pessoas são consideradas “velhas”, mais tarde, antigamente uma pessoa de 50 anos, até fisicamente já era velha, e agora uma pessoa considerada idosa, para além do aspeto físico mais desgastado, acaba por ter a ver, para mim, com as limitações que já apresentam. Quando infelizmente têm que ir para os lares porque já não têm condições para tomarem conta de si próprios e já não têm outra alternativa. Eu com a idade que tenho não me sinto idosa, claro que já não sou nova, mas velha não me sinto.

2. Como define a relação que tem com o (a) seu/sua neto (a)?

Tenho uma relação bastante próxima. Vou buscar a minha neta várias vezes à escolinha e depois trago-a para minha casa, até a mãe ou o meu filho a virem buscar, que é quando chegam do trabalho. E mesmo durante o fim-de-semana chegamos a passar muito tempo juntas.

3. Que tarefas realiza, com mais frequência, com o (a) neto (a)?

Fazemos tanta coisa... conto-lhe muitas vezes histórias, brincamos muitas vezes no quintal quando está bom tempo, daqui a nada já começa a arrefecer, depois vamos ter que brincar mais dentro de casa. Chegamos a fazer cozinhados juntas, eu vou-lhe dizendo o que ela tem que fazer e ela lá se vai desenrascando sem fazer muitos disparates, que acabam por ser próprios da idade. Às vezes também vamos brincar para a quinta do primo... Pronto, acaba por ser isto, agora é o que me lembro assim melhor do que costumamos fazer.

4. Que tipo de responsabilidades considera que assume na relação com o seu neto. De que forma encara as responsabilidades no cuidado que possui com o (a) neto (a)?

Eu tento sempre ter um papel importante na vida dela, tentando contribuir ao máximo para a sua educação e o saber estar, que é muito importante. Não pense que a deixo fazer de tudo, claro que temos que fechar os olhos a algumas coisas, são crianças, mas também temos que lhes saber dizer que não. Mais vale lhe custar agora um “não”, do que lhe custar quando for mais velha por não ter tido as bases que fazem parte da educação, que lhes são dadas, principalmente, por parte dos pais, mas também por parte daqueles avós que estão muito presentes na vida das crianças.

5. Como integra essas responsabilidades na imagem que tem do que é ser idoso?

No meu caso, uma vez que tanto eu como o meu marido nos encontramos reformados, acaba por ser uma responsabilidade boa, e mesmo para as pessoas que têm a mesma qualidade física que eu, acho que nos faz muito bem. Como disse, é bom fazermos parte da vida dos netos e da educação, e até acaba por nos manter mais ativos e sentir que somos importantes para eles, é o melhor do mundo.

6. Já alguma vez foi abordado (a) pelo (a) neto (a), ou por outra criança com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas com mais idade? Se sim, qual?

Não, por exemplo, a “B” consegue perceber que a tia “L” tem mais limitações que eu por ter mais idade, já se encontra com 86 anos, mas nunca fez nenhuma observação negativa a esse respeito. Lá está, a educação nisso também acaba por fazer muita diferença, nós não permitimos que haja essas discriminações e faltas de respeito.

7. Já alguma vez sentiu que não compreendia determinadas situações devido à sua idade? Se sim, esse sentimento foi criado a partir das opiniões dos outros?

Não, a idade é só um número, o espírito é que define se as pessoas são velhas ou não e depende muito da abertura que cada pessoa tem para compreender as modernidades e acompanhar a evolução dos tempos de hoje em dia.

8. Alguma vez o (a) seu/sua neto (a), deu a entender que não compreendia algum tipo de situação (por exemplo, relativamente às tecnologias) devido à sua idade? Se sim, em que situações isso aconteceu?

Não, até porque eu considero-me uma pessoa bastante dinâmica e até mesmo em relação às novas tecnologias, acabo por ir acompanhando. Também não gosto da dependência que os jovens hoje me dia têm dos telemóveis e como tal tento evitar ao máximo que a minha neta se vicia tão cedo, embora, por vezes seja inevitável.

Entrevista 2

Avô Z, 73 anos de idade

1. O que é para si uma pessoa idosa? Como a caracteriza?

Uma pessoa idosa é uma pessoa com uma idade avançada e que já necessita de algum apoio. Caracterizo-a como uma pessoa com uma grande experiência de vida e conhecimento.

2. Como define a relação que tem com o (a) seu/sua neto (a)?

A minha relação com os meus netos, é uma relação paternal, pois considero que nunca dei aos meus filhos o apoio que dou aos meus netos, uma vez que a disponibilidade que tenho agora que estou reformado, não é a mesma que tinha quando estava a trabalhar.

Também considero que agora tenho mais paciência com os meus netos, do que tinha na altura com os meus filhos. Sinto-me mais compreensivo atualmente com a atitude das crianças.

3. Que tarefas realiza, com mais frequência, com o (a) neto (a)?

Gosto muito de passear com os meus netos, gosto muito de os levar para o campo, para os deixar brincar e correr ao ar livre, pois considero que é o melhor, uma vez que passam o dia na escola e quando saem vão para casa, necessitam de ar puro. Para além disto também, por vezes, brinco com eles com os jogos e os carrinhos.

4. Que tipo de responsabilidades considera que assume na relação com o seu neto. De que forma encara as responsabilidades no cuidado que possui com o (a) neto (a)?

Considero que tenho as mesmas responsabilidades que os pais, pois não brinco só com eles, tento educa-los o melhor possível e inculcar-lhes valores.

5. Como integra essas responsabilidades na imagem que tem do que é ser idoso?

Considero que nesta fase da minha vida me faz bem ajudar na educação dos meus netos e também, acho que é importante sentirem o apoio de uma pessoa com mais idade.

Quanto a mim, e dada a área da minha residência, os meus netos são como uma terapia, pois sinto-me mais ativo e com tarefas definidas, o que por vezes me faz esquecer a idade que tenho.

6. Já alguma vez foi abordado (a) pelo (a) neto (a), ou por outra criança com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas com mais idade? Se sim, qual?

Até à data o "V" ainda não fez comentários negativos aos idosos, mas como eu sou o avô com mais idade, em relação ao avô materno, ele muitas vezes chama-me o avô velhinho, possivelmente porque já tenho os cabelos todos brancos, e acaba por ser uma forma que eu até considero carinhosa de me distinguir do outro avô, muito embora seja eu o avô mais presente na vida dele e dos irmãos. Contudo, não considero uma atitude depreciativa dos idosos, ou algum tipo de discriminação, antes pelo contrário.

7. Já alguma vez sentiu que não compreendia determinadas situações devido à sua idade? Se sim, esse sentimento foi criado a partir das opiniões dos outros?

Não, até porque fui uma pessoa sempre muito ativa e dado a minha atividade profissional, sempre contactei com muita gente de diversas idades e condições sociais diversas. A minha antiga profissão era propícia a ouvir e acompanhar as mais diversas situações.

8. Alguma vez o (a) seu/sua neto (a), deu a entender que não compreendia algum tipo de situação (por exemplo, relativamente às tecnologias) devido à sua idade? Se sim, em que situações isso aconteceu?

Realmente noto que já possuo algumas limitações no que toca às novas tecnologias, pois até parece que os miúdos hoje já nascem ensinados, por vezes, vejo-me confrontado com problemas que o mais velho arranja no telemóvel ou no tablet, e que eu nem sempre consigo resolver sem ajuda, pois sinto que já nem sempre consigo acompanhar este tipo de desenvolvimentos informáticos.

Por vezes peço ajuda ao meu filho para me fazer algumas coisas no telemóvel, mas ainda nunca senti que o “V” me desse a entender que eu não sabia fazer alguma coisa por causa da minha idade.

Entrevista 3

Avó A, 71 anos de idade

1. O que é para si uma pessoa idosa? Como a caracteriza?

É uma pessoa que tem muito saber, muita experiência de vida, que muitas vezes tentamos transmitir aos nossos netos, mas que eles pensam que não teria sido assim, muito pelas facilidades e pela melhor vida que têm agora, e que antigamente nós não tínhamos. No entanto, não deixámos de ser felizes. Até no relacionamento com os pais era diferente, eles passavam ainda mais tempo no trabalho e não tínhamos tanto carinho e dedicação que agora as crianças têm por parte dos pais.

2. Como define a relação que tem com o (a) seu/sua neto (a)?

Posso dizer que a vi nascer, que fui eu que lhe dei o primeiro banho e a partir daí tenho sido eu que a tenho ajudado a criar. Muitas vezes dorme ou adormece comigo. Somos muito próximas uma da outra.

3. Que tarefas realiza, com mais frequência, com o (a) neto (a)?

Por exemplo, na parte da cozinha, eu comprei-lhe uma cadeirinha para ela ficar da minha altura, onde me ajuda a arranjar a hortalça e outros vegetais. Para onde eu vou ela vem sempre atrás com a cadeirinha para ver e ajudar em tudo o que eu faça. Mesmo a passar a ferro, às vezes pega na tal cadeirinha e vem ver como passo a ferro.

Para além destas tarefas, a “R” tem uma coisa que me toca muito, ela todos os dias me faz desenhos e me entrega. Esses desenhos somos sempre nós as duas e eu recebo e guardo-os todos com muito muito carinho, para mais tarde poder recordar.

4. Que tipo de responsabilidades considera que assume na relação com o seu neto. De que forma encara as responsabilidades no cuidado que possui com o (a) neto (a)?

Assumo uma responsabilidade de como se fosse mãe, com muita preocupação, com muito medo que lhe aconteça alguma coisa. Preocupo-me muito com a educação dela, quero que ela seja uma menina educada, inteligente e que tenha uma vida feliz pela frente, e que nada de mal lhe aconteça, que nos dias de hoje é preocupante.

5. Como integra essas responsabilidades na imagem que tem do que é ser idoso?

É muito bom porque me sinto mais ativa, muito mais dinâmica, com mais poder de pensamento, pois nas brincadeiras que inventamos juntas é muito bom para a nossa sanidade mental. Por vezes até me sinto mais jovem.

6. Já alguma vez foi abordado (a) pelo (a) neto (a), ou por outra criança com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas com mais idade? Se sim, qual?

Às vezes com as nossas brincadeiras, quando não lhe respondo ao que ela quer, ou não percebo o que ela me quer dizer, já me tem dito, “tu já és um bocadinho cota”, embora eu não me importe com isso e até encare com carinho. Em relação a outras pessoas de mais idade, a “R” nunca chamou nomes a ninguém, ela sabe-se comportar.

7. Já alguma vez sentiu que não compreendia determinadas situações devido à sua idade? Se sim, esse sentimento foi criado a partir das opiniões dos outros?

Até aos dias de hoje nunca achei que não percebesse nada devido à minha idade. Até me considero uma pessoa que consegue compreender as coisas logo à primeira e que me consigo desenrascar bem com várias situações que vão aparecendo.

8. Alguma vez o (a) seu/sua neto (a), deu a entender que não compreendia algum tipo de situação (por exemplo, relativamente às tecnologias) devido à sua idade? Se sim, em que situações isso aconteceu?

Sim, ela por vezes, diz que eu devia perceber mais destas coisas das novas tecnologias, porque eu digo sempre que só quero o telemóvel para atender, fazer chamadas e receber mensagens, mas ela acha que não. Acha que devia ter, por exemplo, o facebook e que desse mais utilidade ao telemóvel, que visse vídeos conforme ela vê e por aí.

Entrevista 4

Avô J, 75 anos de idade

1. O que é para si uma pessoa idosa? Como a caracteriza?

Uma pessoa com experiência de vida, com conhecimento de muita gente, uma pessoa que sabe atuar perante várias situações devido à sua idade e lá está, também perante à experiência que tem.

2. Como define a relação que tem com o (a) seu/sua neto (a)?

Tenho uma relação muito boa, preocupo-me sempre com todos os meus netos e tento sempre dar todos os apoios possíveis e necessários para que cresçam com saúde e bem-educados, que isso também é muito importante.

3. Que tarefas realiza, com mais frequência, com o (a) neto (a)?

Costumo levar a “T” ao parque, por vezes ensino-lhe jogos no computador, já temos feito desenhos juntos, ensino-lhe também a escrever já algumas palavras e números. Também a levo muitas vezes, quando está bom tempo, a andar de bicicleta, embora eu fique só a guardá-la para ver se corre tudo bem, ou se não tem alguma queda.

4. Que tipo de responsabilidades considera que assume na relação com o seu neto. De que forma encara as responsabilidades no cuidado que possui com o (a) neto (a)?

Considero uma responsabilidade familiar muito importante, pois quero que ela cresça da melhor forma possível, num bom ambiente e que seja sobretudo muito feliz, essas são as minhas maiores preocupações no cuidado que tenho com todos os meus netos.

5. Como integra essas responsabilidades na imagem que tem do que é ser idoso?

Uma vez que ainda me considero uma pessoa ativa e que procuro estar sempre atualizado, talvez os cuidados que tenho com os meus netos me mantenha mais ativo fisicamente, uma vez que quando os levo ao parque, também acabe por brincar com eles e alinhe nas suas brincadeiras, o que também me faz bem psicologicamente.

6. Já alguma vez foi abordado (a) pelo (a) neto (a), ou por outra criança com alguma apreciação mais negativa em relação a pessoas com mais idade? Se sim, qual?

Não, nem em relação a mim, nem à minha esposa, e mesmo em relação a outras pessoas mais velhas nunca ouvi nada da boca da "T".

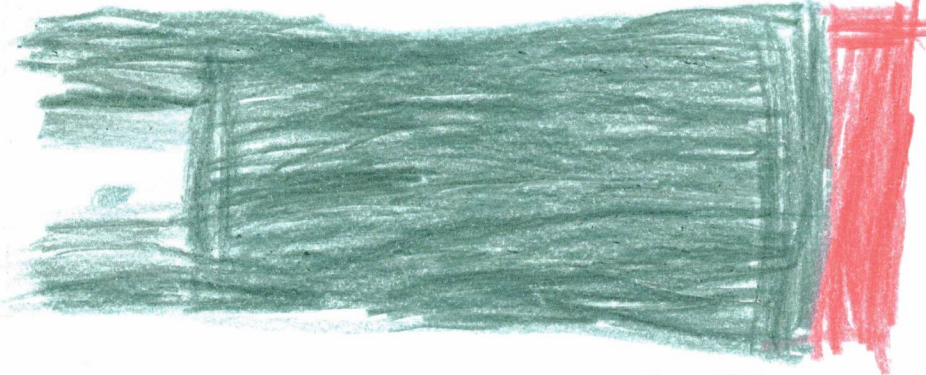
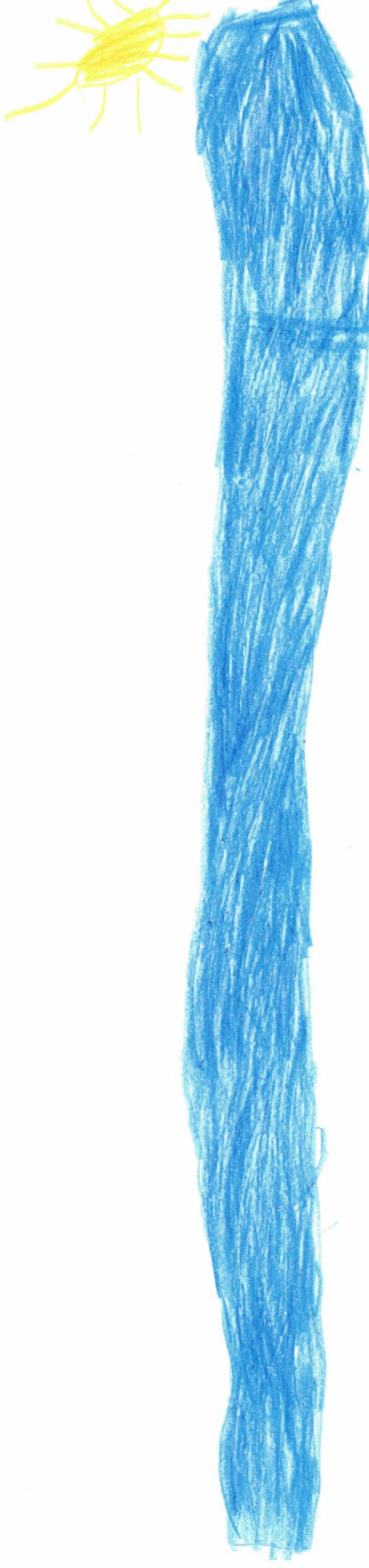
7. Já alguma vez sentiu que não compreendia determinadas situações devido à sua idade? Se sim, esse sentimento foi criado a partir das opiniões dos outros?

Ainda não, embora por vezes tenha certos esquecimentos, mas tirando isso ainda me sinto uma pessoa bastante ativa, como disse, gosto de me manter atualizado sobre os mais variados temas.

8. Alguma vez o (a) seu/sua neto (a), deu a entender que não compreendia algum tipo de situação (por exemplo, relativamente às tecnologias) devido à sua idade? Se sim, em que situações isso aconteceu?

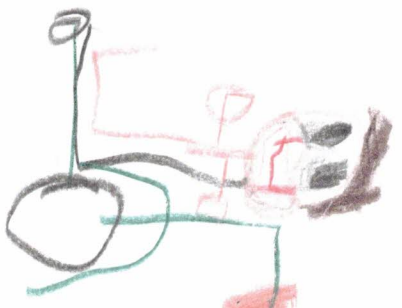
Por enquanto não, pois esta até é uma área que sempre dominei devido à minha antiga profissão, em que sempre tive ligado aos computadores e a vários programas informáticos. E mesmo em relação às redes sociais, é uma coisa que eu gosto e utilizo no meu dia-a-dia. Muitas vezes até me gosto de ocupar a fazer reparações nos computadores, ou até mesmo a fazer computadores a partir de outros que me dão. Tenho familiares meus que como já sabem que eu me entretenho com estas coisas, dão-me os computadores velhos ou estragados deles, e a partir dali invento logo outra engenhoca.

Anexo C – Ilustrações dos desenhos alusivos à pessoa idosa



casas deles

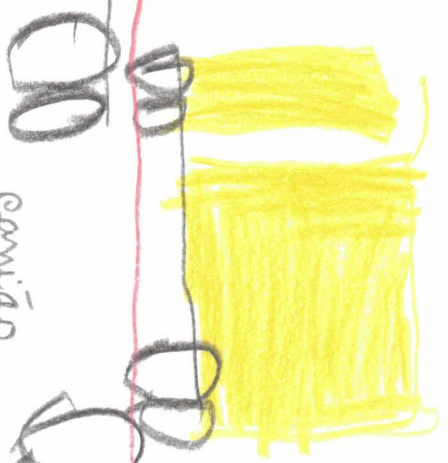
17-03-2021



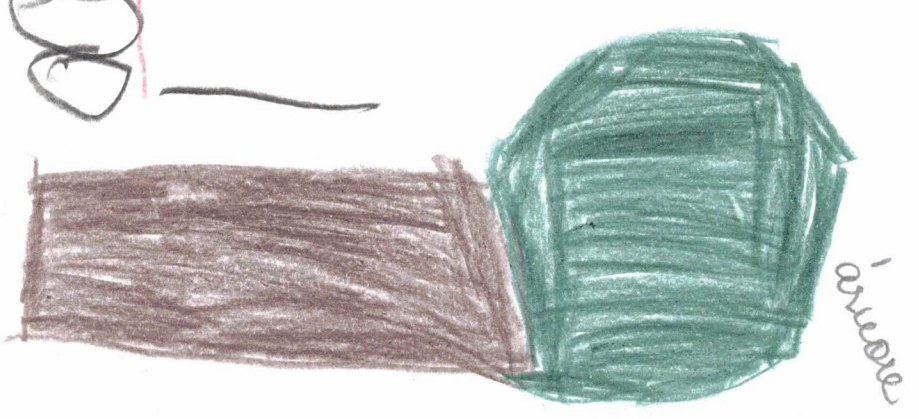
velhinho



velhinha



casão



arvore



17-03-2021



Esta é a casa deles.
Foram passear e agora
estão a ir para casa

árvore



Esta é
a velhinha



Velhote





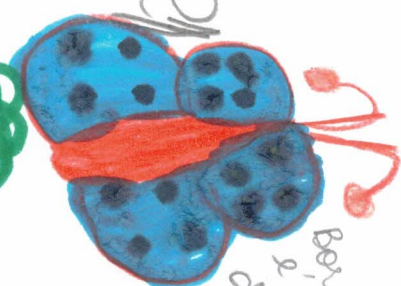
sol

17-03-2021



ceu

borboletas que
e o seu
animais
de estimação

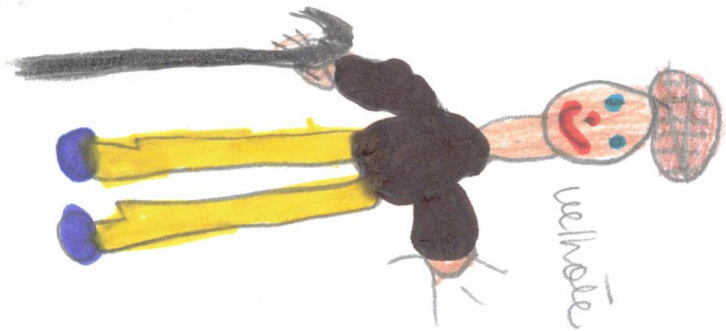


casa dos
velhotes

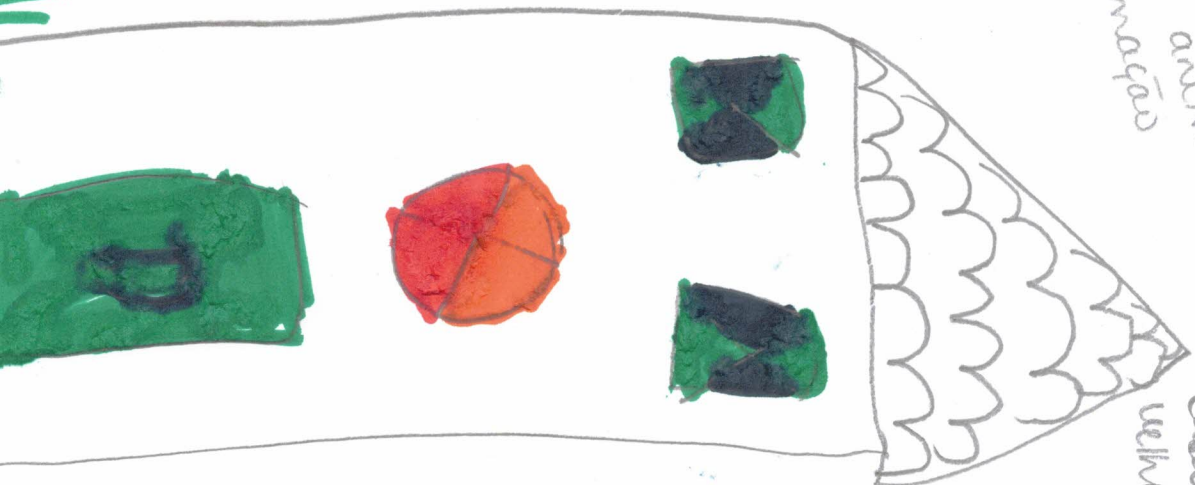
velhota

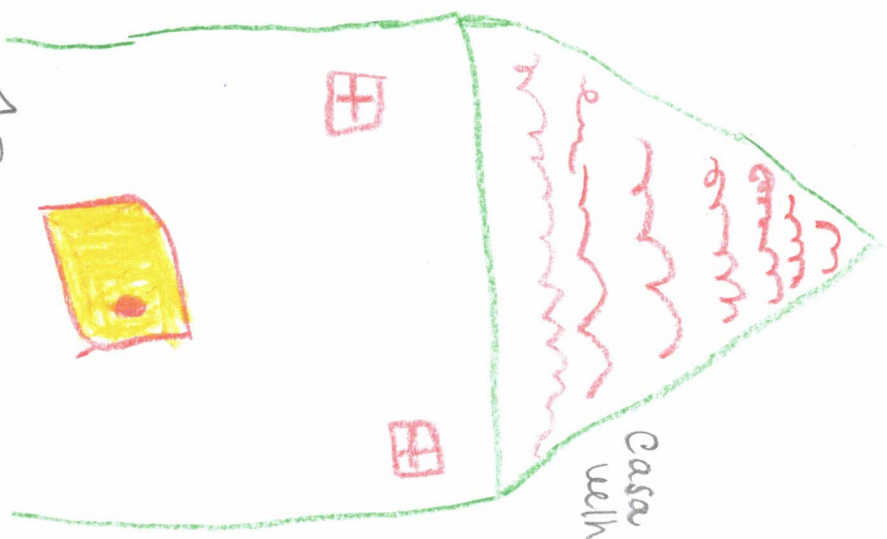
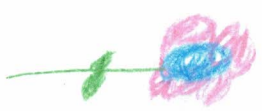
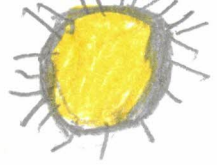


velhote



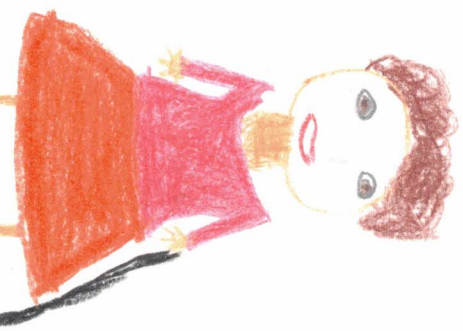
os andam
o jardim
e apanhas
relaxa





Casa dos
velhos

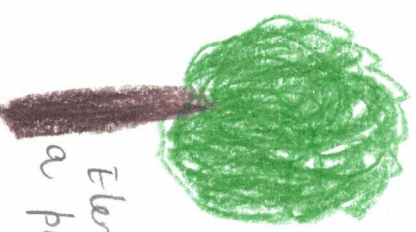
17-03-2021



velha



velha



Éles andam
a paradas





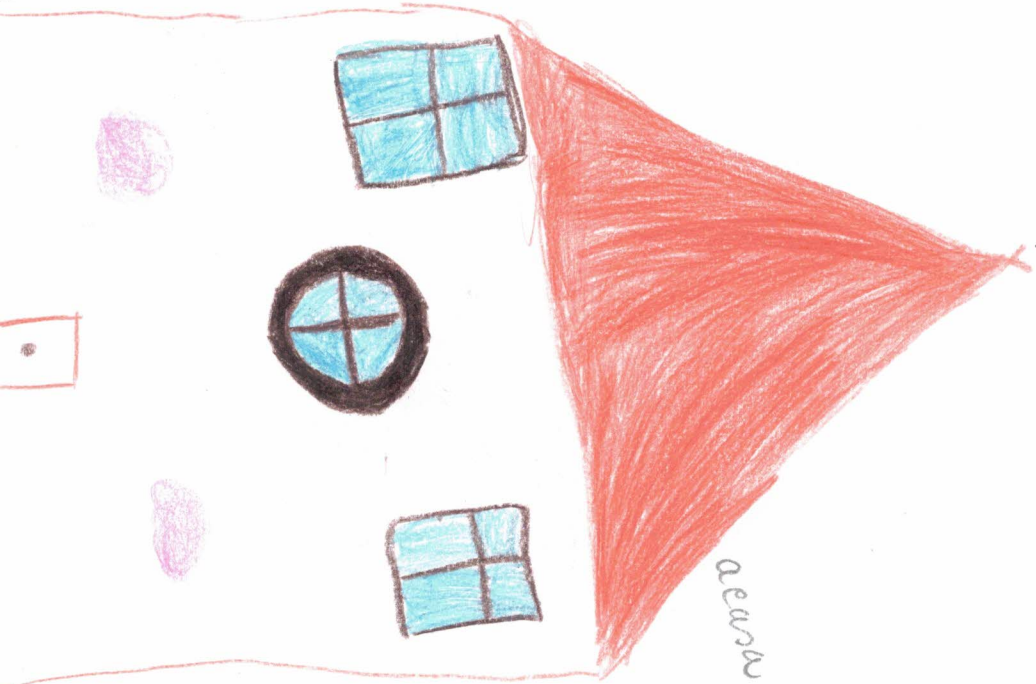
17-03-2021



malhotra



malhotra



gaurav
dutta



gaurav

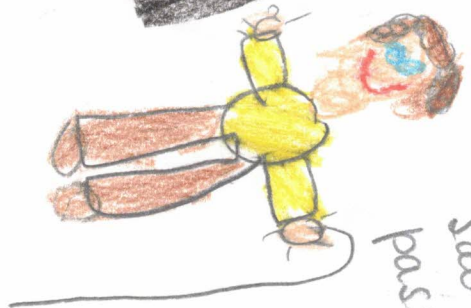


casas deles



passarinhos

17.03.2011



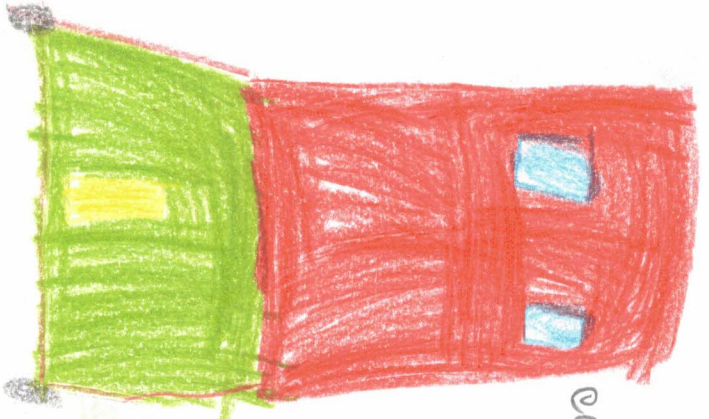
São uns velhotes e foram passear



Barboletas

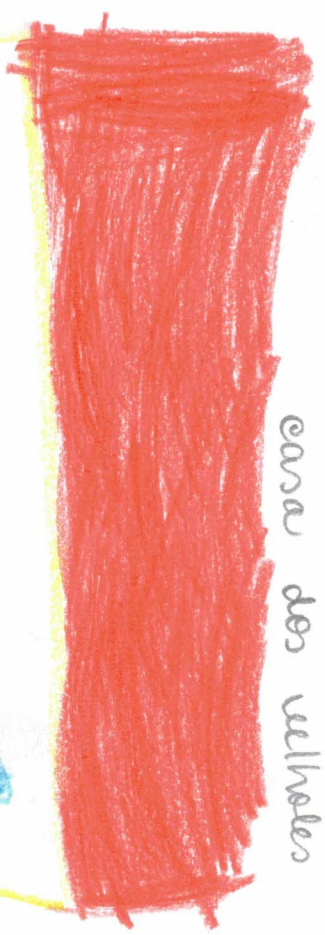


casas dos velhotes

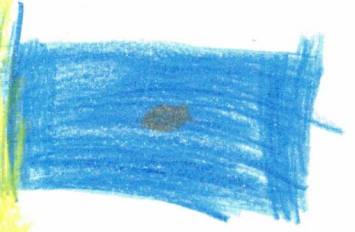


velhicha

velhinho



casas dos velhotes





céu

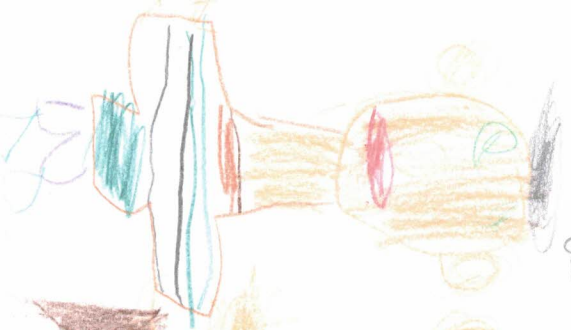


pássaros



sol

velhote

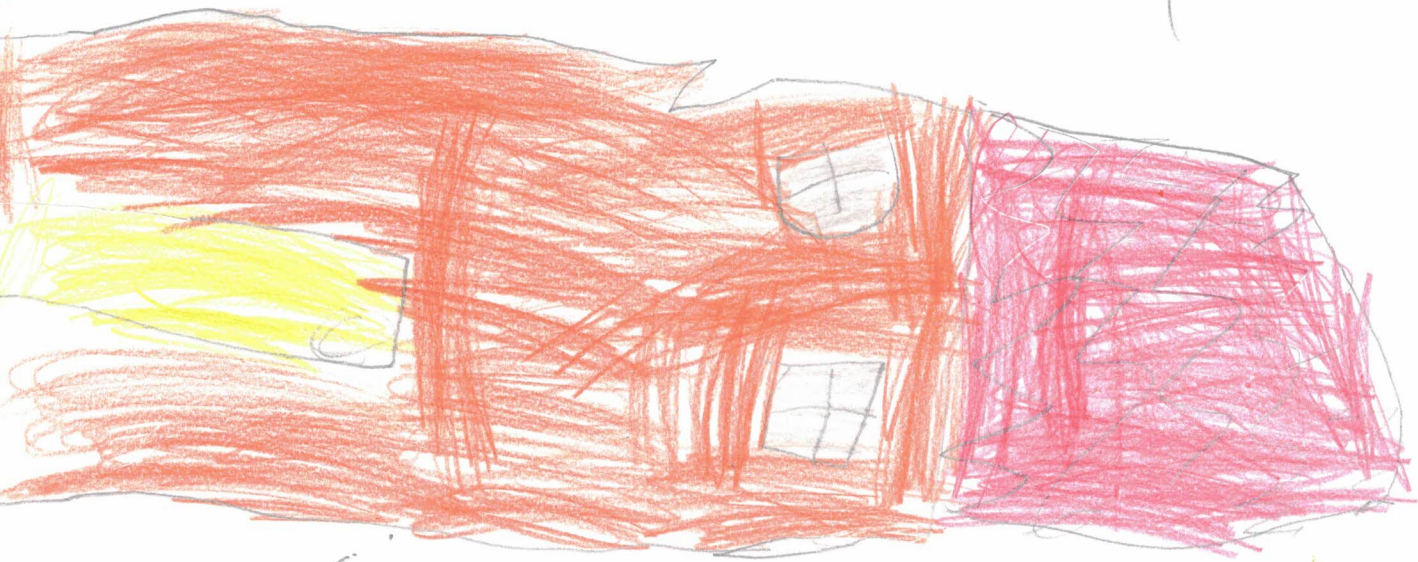


velhota

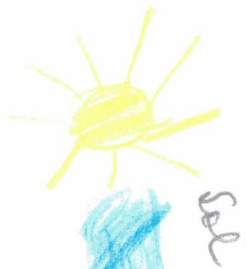


Andam os dois
a passear

casas dele



1F-05-2024



Sol



passarinhos

Céu



barbeteia



velhota

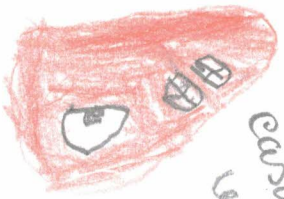
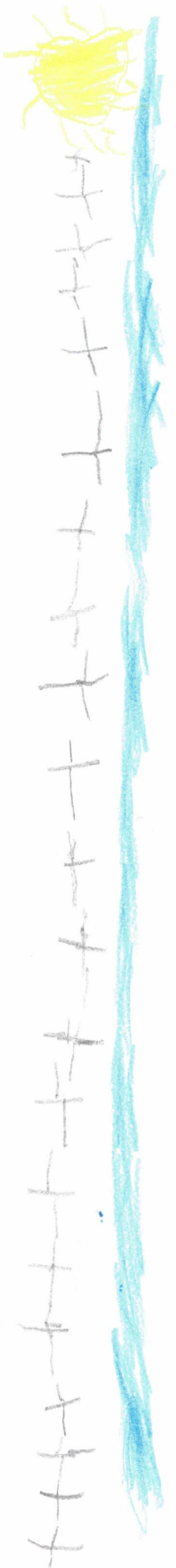


velhote



Elas foram passear numa estrada

17-03-2021



Casa dos
Velhotes



Velhinha



Velhote

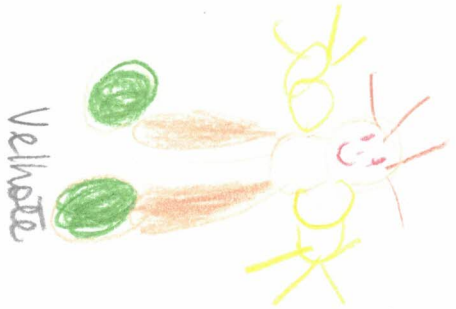


Elas foram passear e
ver as flores.

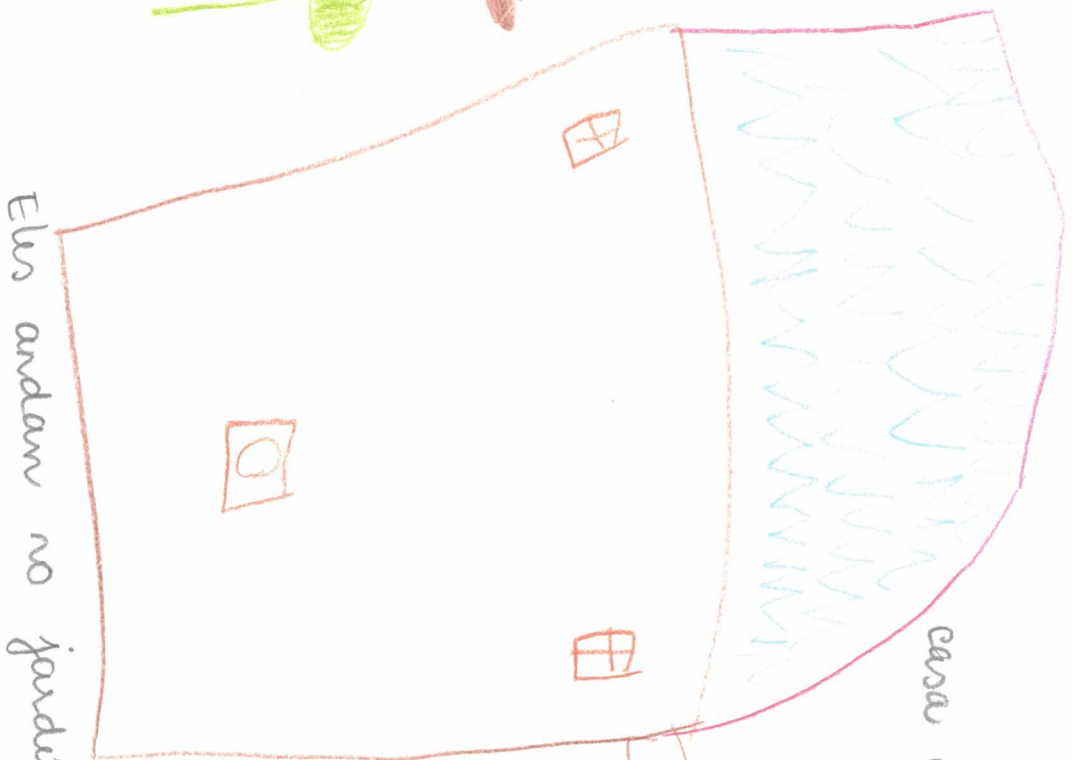
Terra



17-07



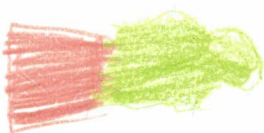
Velhoze



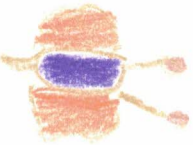
casa deles

casa

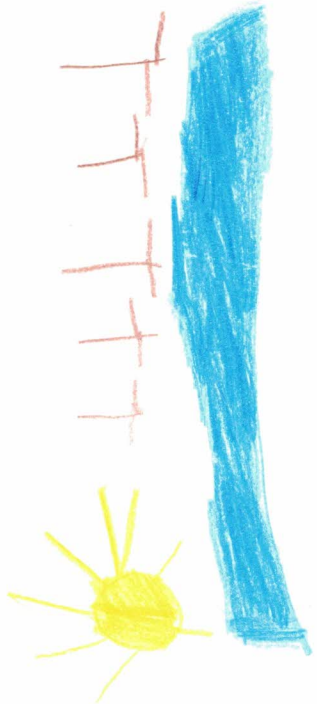
Elas andam no jardim



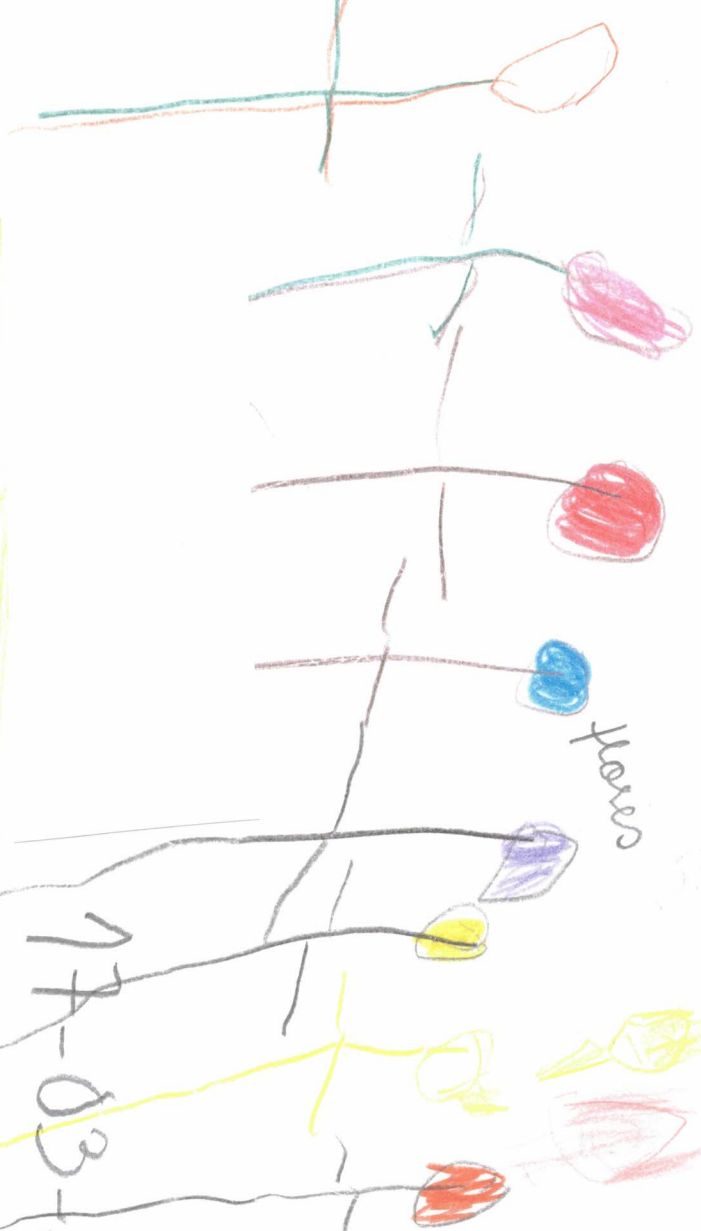
Velhoze



Borboleta



17-03-2007



florero

17-03-2021



velho

velho

casa dos velhos





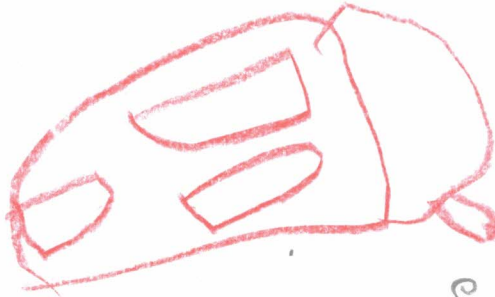
flowers



we heta

we heta

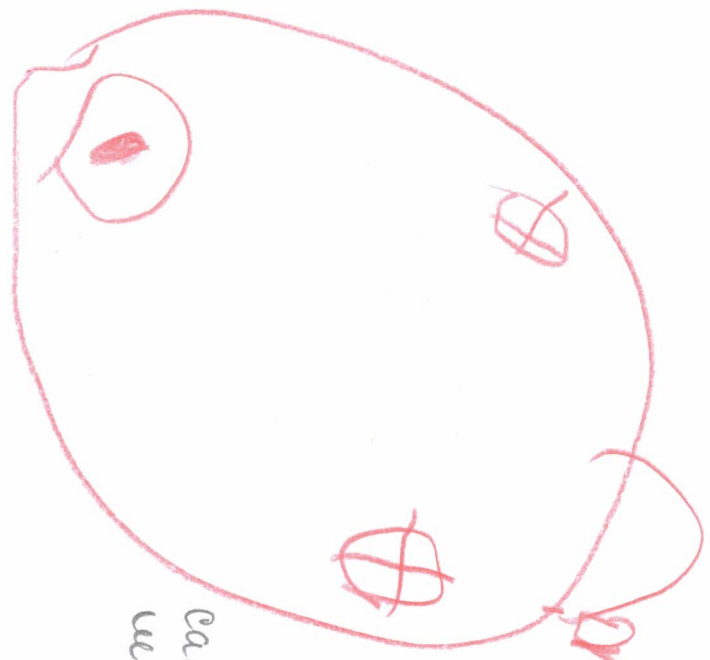
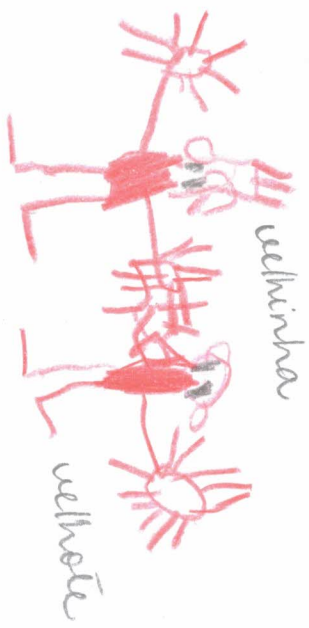
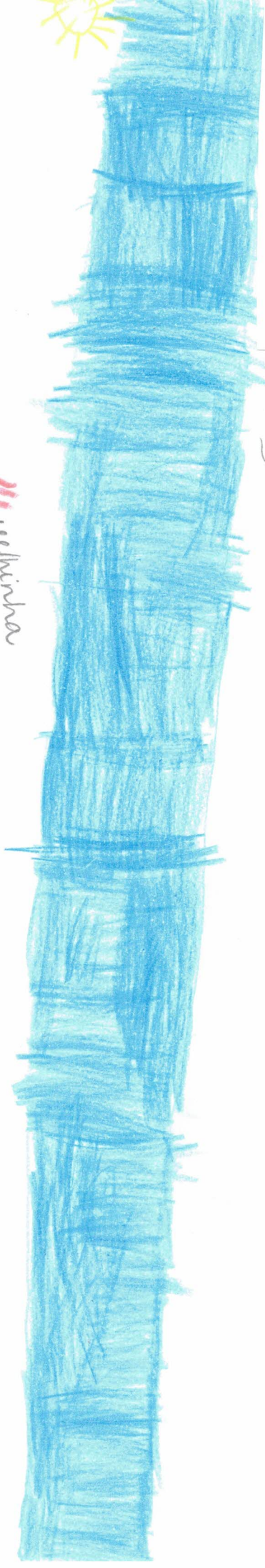
flowers



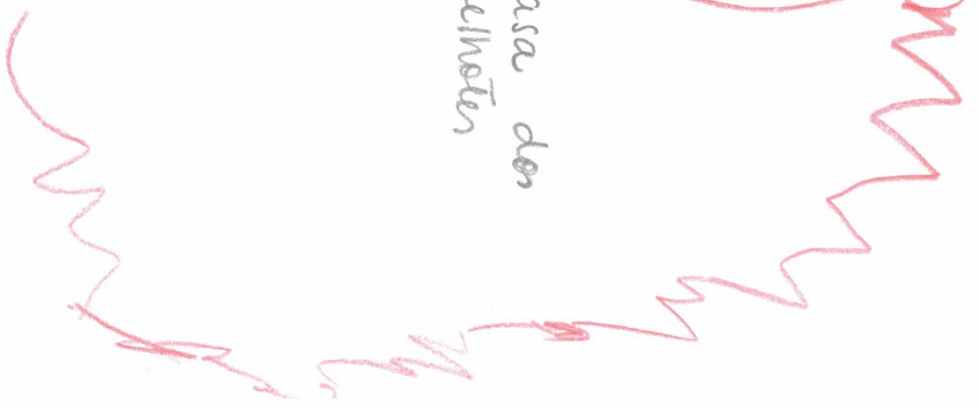
car
wheels

17-03-2021

H032021



casa dos
velhotes





+

+ panacas

+

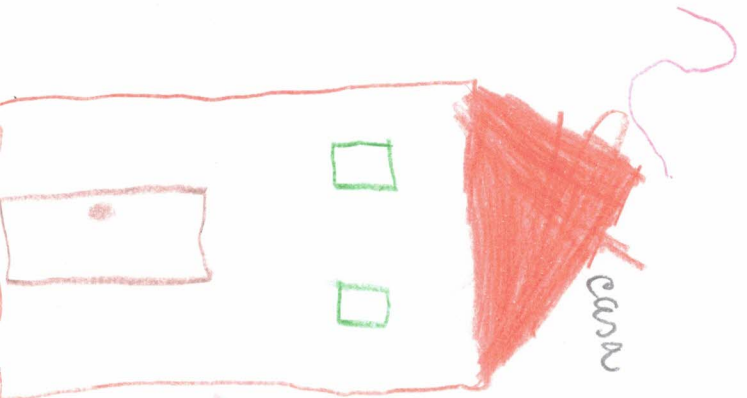
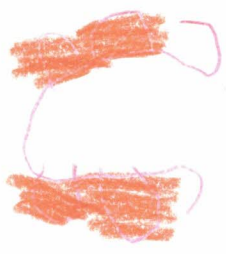
+

+

+



borboretas



casita de los

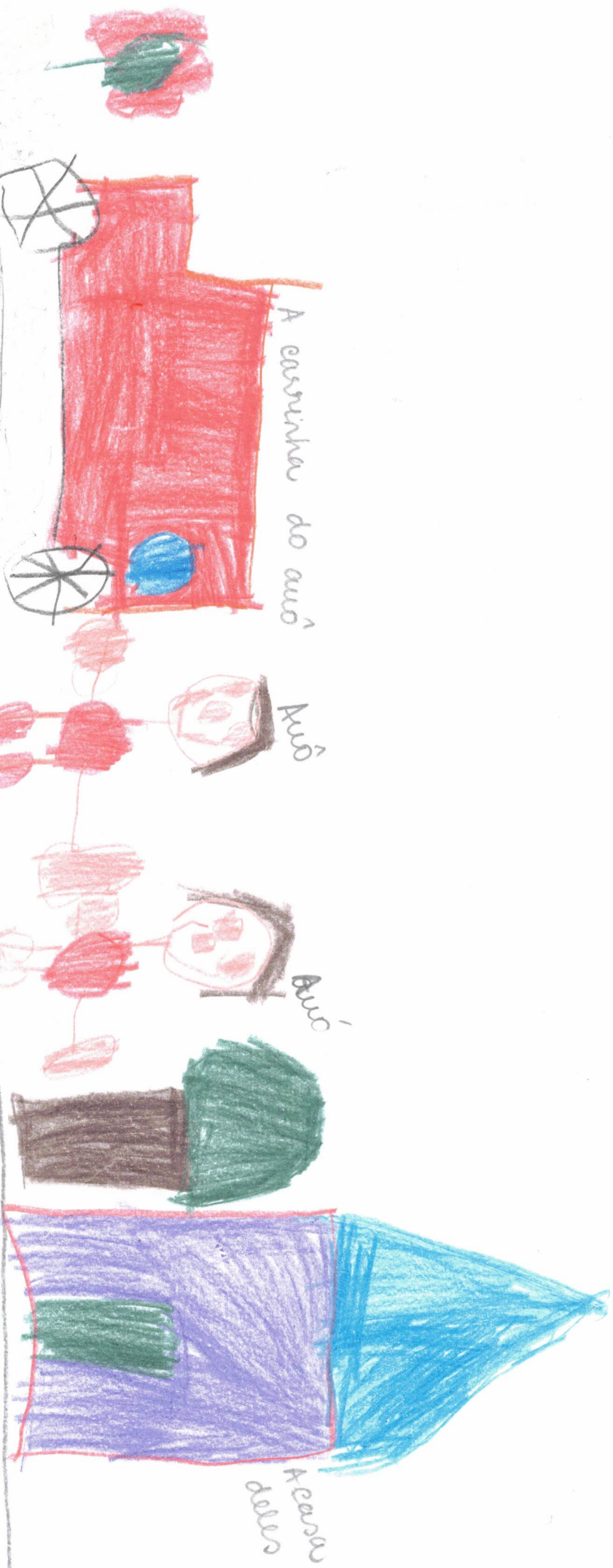


velhinhos

velhinhos

17-03-2021

Anexo D – Ilustrações dos desenhos alusivos aos avós

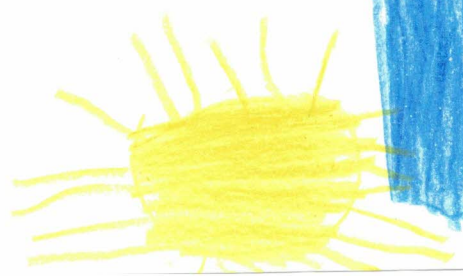
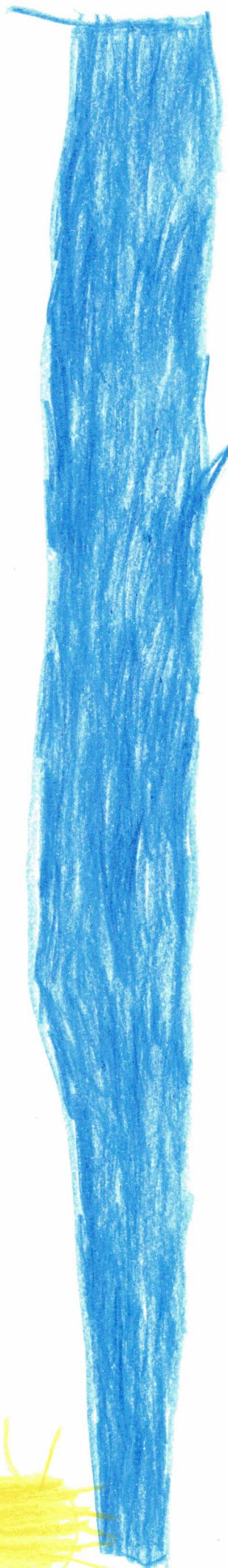


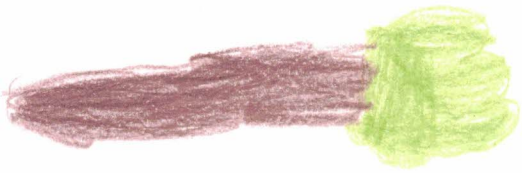
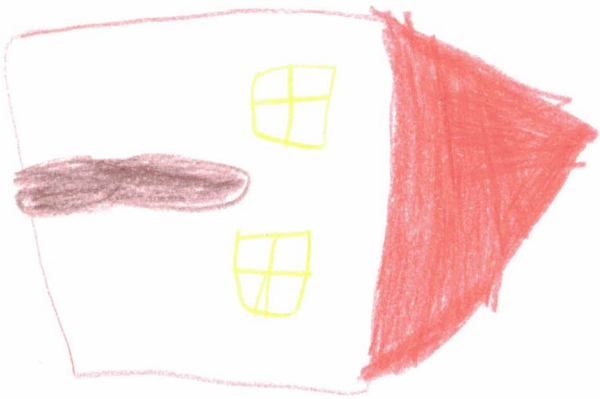
A casinha do avô

Árvore

Árvore

A casa da mãe

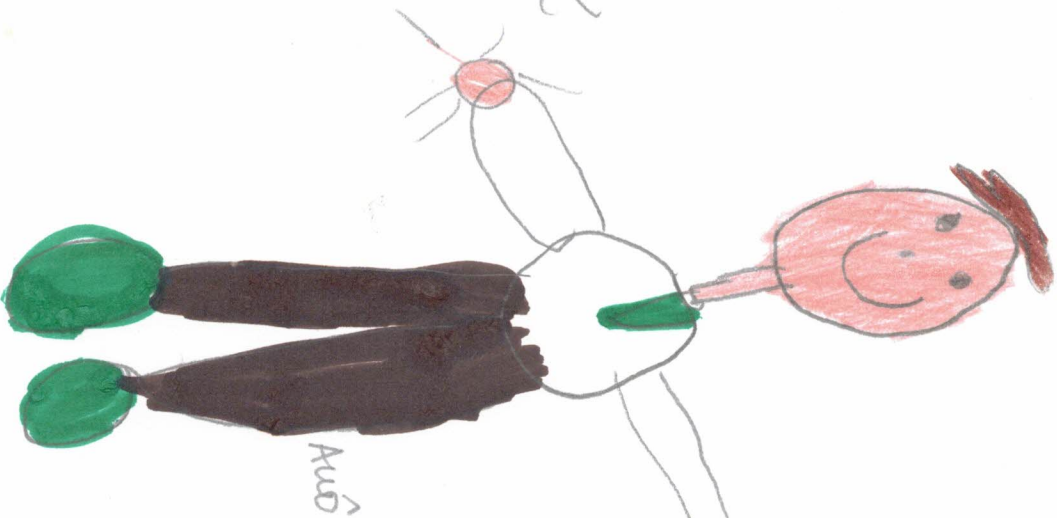
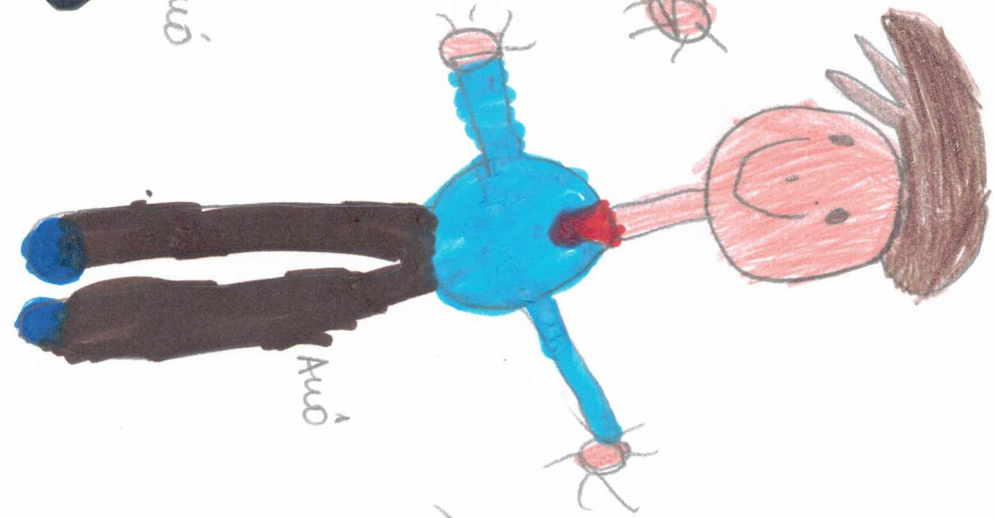
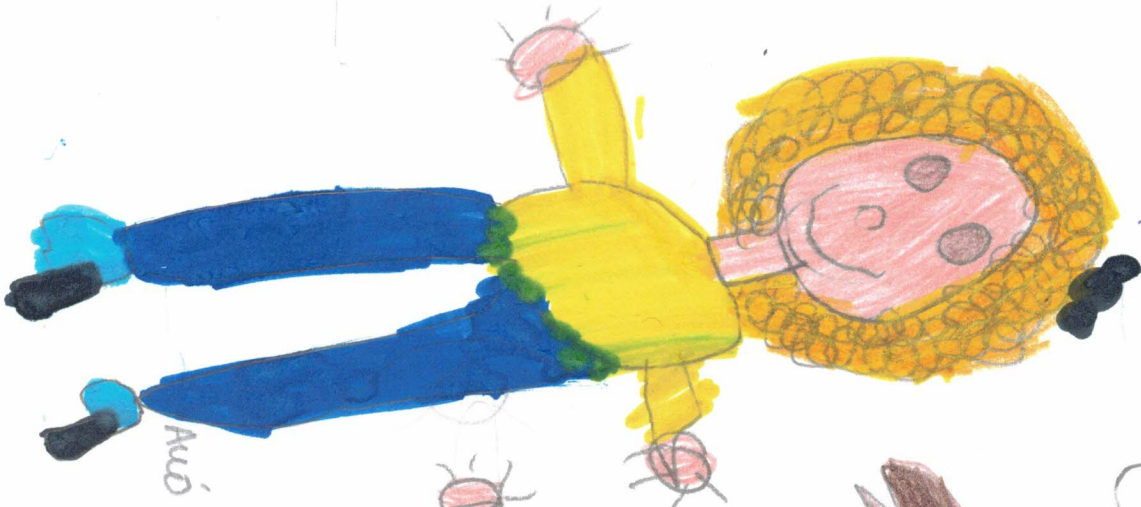
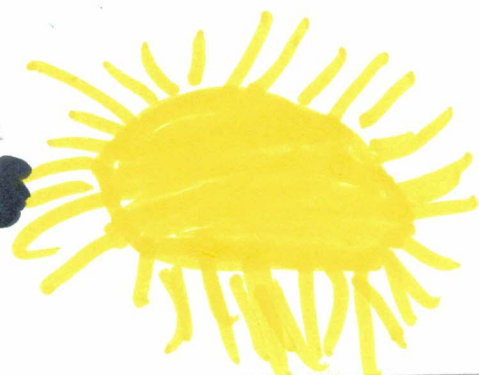




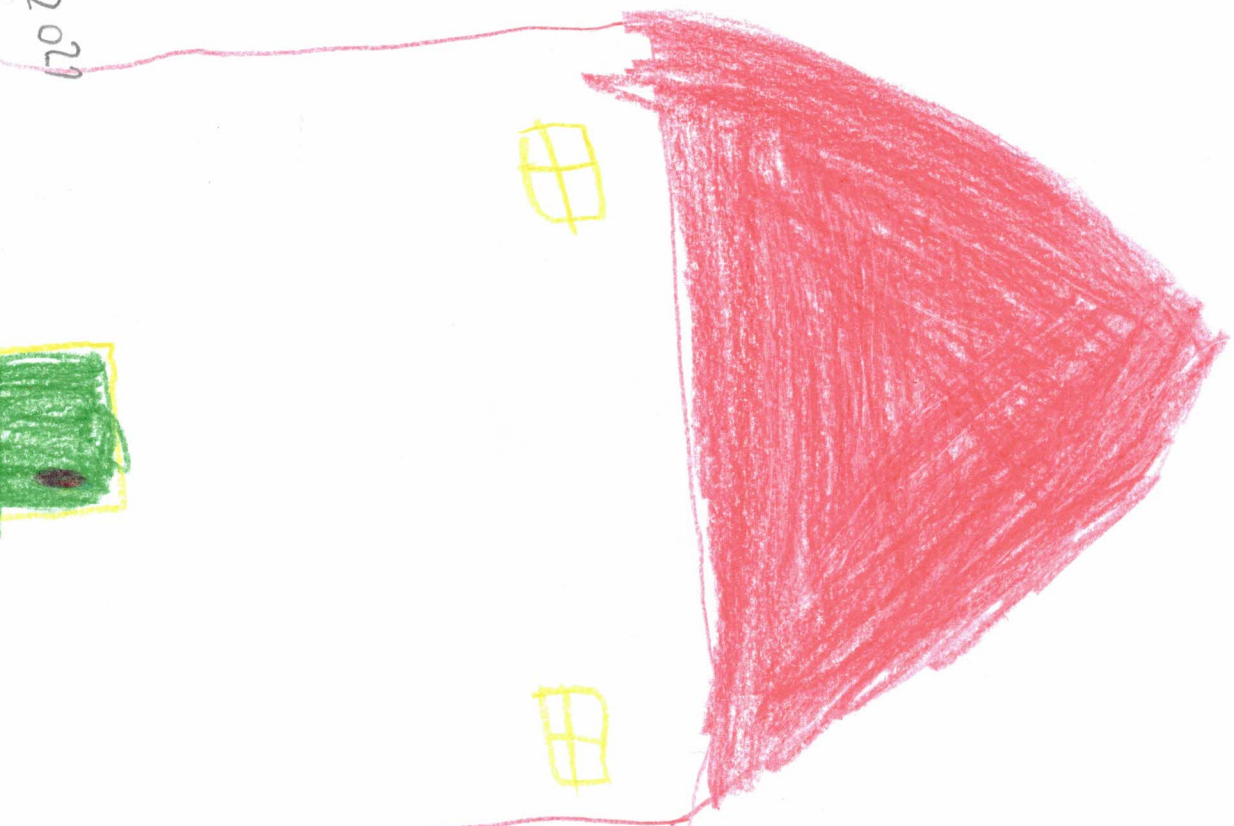
22-03-2021



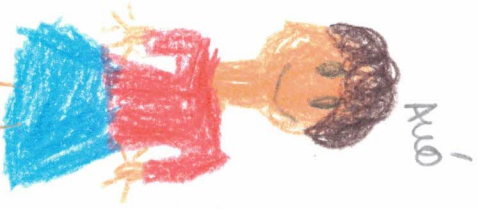
22-03-2021



5-03-2021



E O monte dulus



Auo



Auo



Auo





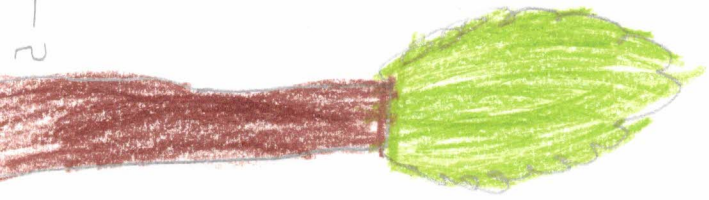


van-3922

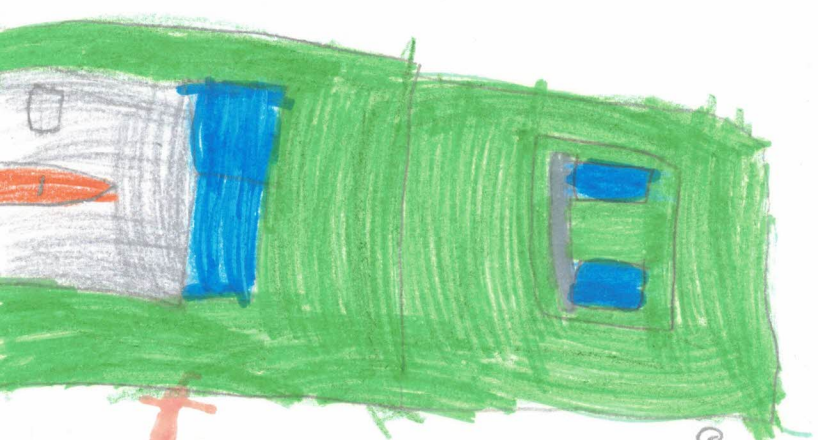




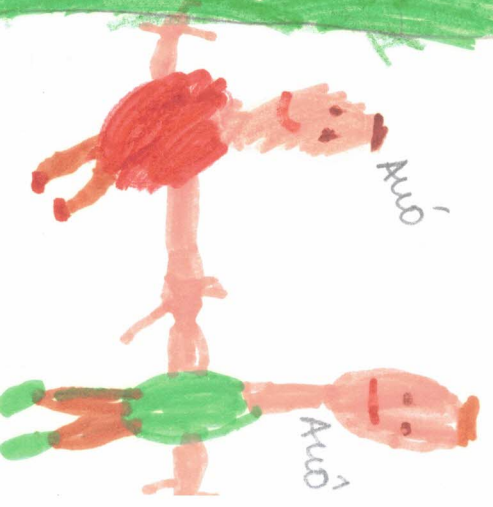
22-03-2



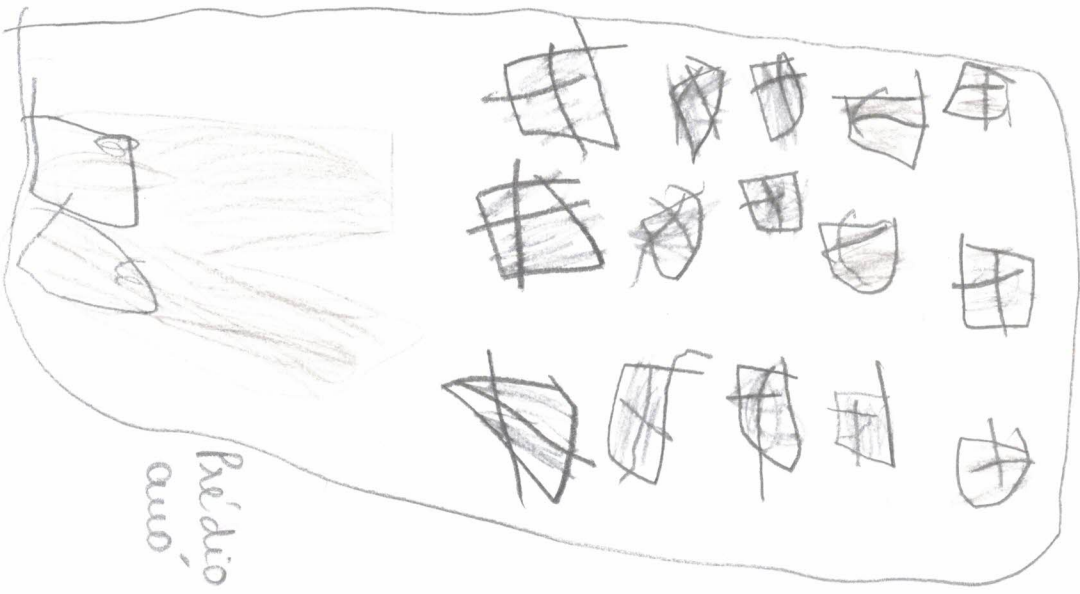
021



caravan por's auo's



22-03-2021



Redido da
auro

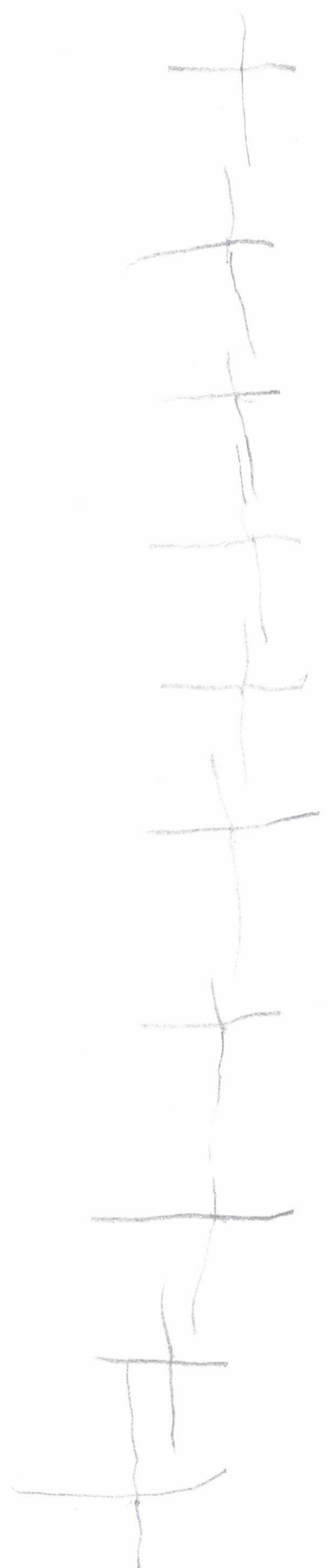


22-03-2024



Casa dela

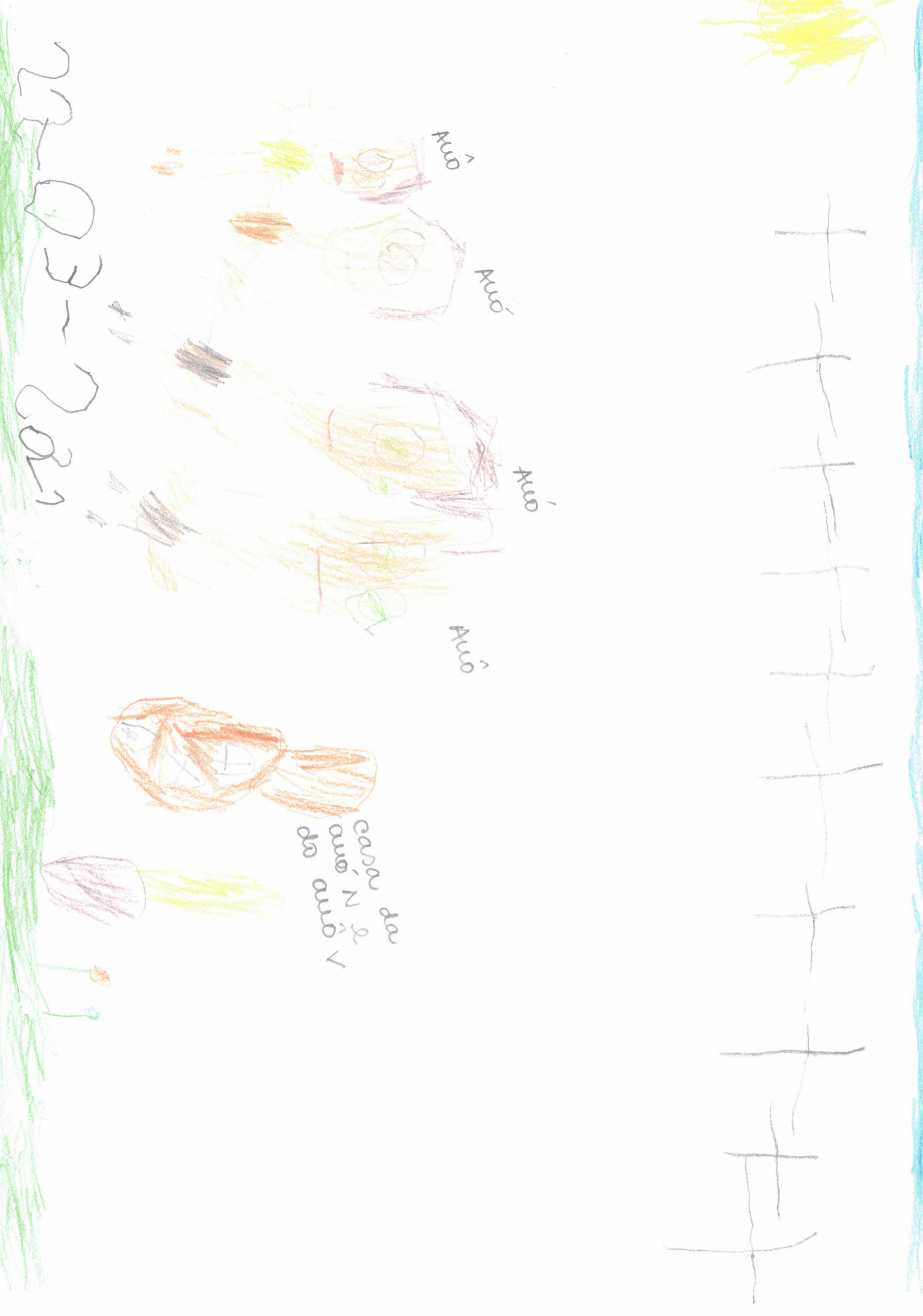


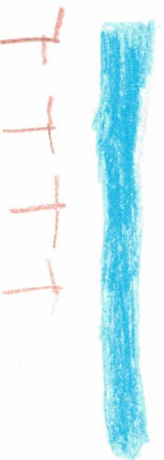
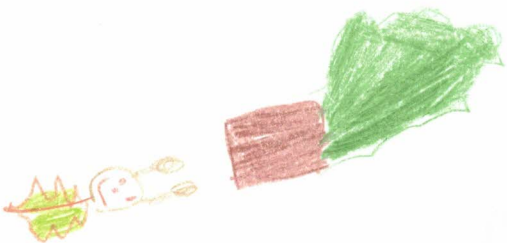
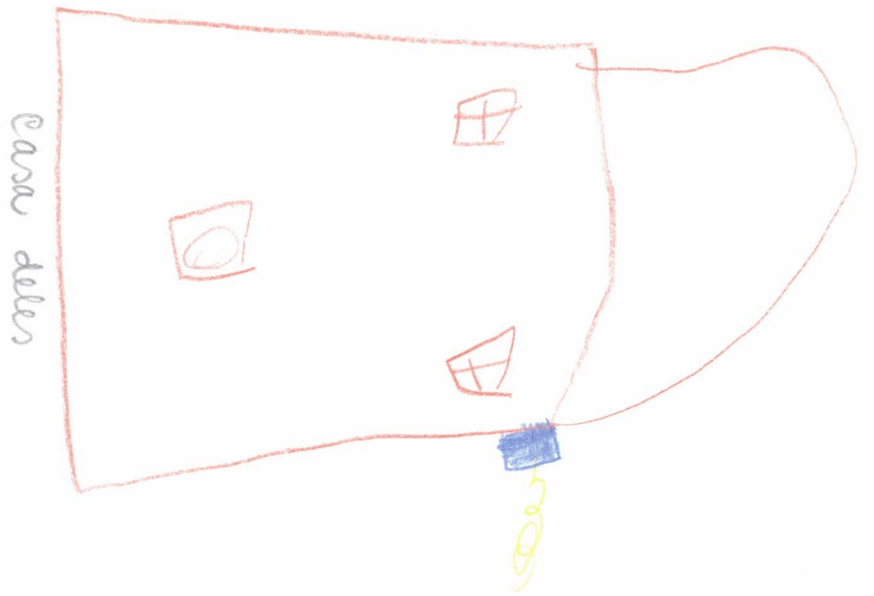
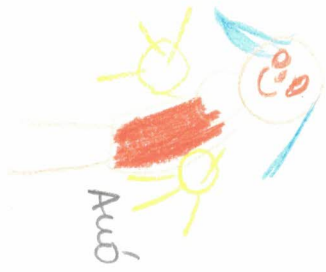


23-03-2021



caro da
auro N
da auro V

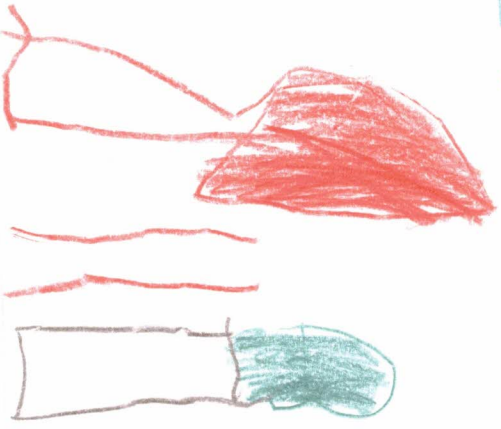




22-03-2021

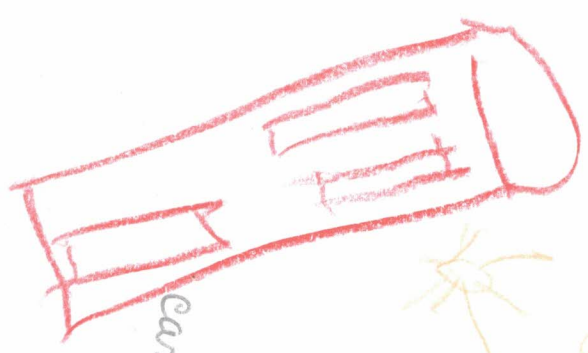


+
+
+
+
+



22-03-2021





Casa dos avós

Avó

Avó



Casa dos avós

Avó

Avó





Auó

